Este mundo não me chega



Caderno de temas 26|21


Este Mundo
Não Me
Chega

Agradecimentos

Agradecemos a todos os que ajudaram as EJNS a preparar este caderno.

Monjas Concepcionistas de Campo Maior

Padre António José Lopes

João Freire

António Novais

António Capela

Padre Duarte da Cunha

Maria Corte Real

Querido equipista,

Este caderno que hoje chega às vossas mãos será o fio condutor das nossas reuniões ao longo de todo o ano.

Este ano, muito ligado à canonização de São Pier Giorgio Frassati e ao seu lema de vida (Verso L'Alto - Rumo ao Alto!), o caderno foi construído a partir da ideia de que queremos mais, de que como jovens, como equipistas e como católicos somos chamados a alguma coisa maior do que nós.

Queremos mais, queremos a santidade, queremos o Céu! E há tantas pequenas maneiras de viver com este objetivo. Há também tantas pessoas que já nos deram diferentes exemplos de como seguir este caminho e chegar a esta meta. Neste caderno apresentamos também o exemplo de pessoas cuja sede não as deixou paralisadas, mas fê-las desejar saciá-la, acabando por tornarem-se modelos de vida e de santidade.

Portanto, o objetivo é tentar dar resposta a esta sede e traçar um caminho.

Iremos começar com dois temas que nos chamam à atenção para uma consciência que é impresso em nós de que somos chamados ao infinito, de que há um Deus que nos leva a sério. Isto incita-nos, necessariamente, a uma vida interior, característica daquele que é discípulo, exploradas ao longo de três temas. Depois, a proposta de vida apresentada a um cristão que vive num mundo em que a coerência, o tempo e a paz são exigentes é também explorada. Terminamos com dois temas que nos fazem erguer o olhar para cima – falamos da igreja, instituída por Jesus, como forma viva de permanecer connosco até ao fim dos tempos e do Céu como fim de toda a nossa existência.

Façamos este caminho, na certeza de que vamos juntos, com Maria Nossa Mãe, até Jesus, para que o plano de Deus para a humanidade se realize também através das nossas mãos, mentes e corações.

setembro Este mundo não me chega **13**

outubro Faço parte de uma história maior que eu **23**

novembro Para que me serve a liberdade? **33**

dezembro Amar o caminho **41**

janeiro Diante d'Ele, mais Deus e menos eu **49**

fevereiro Quero uma vida una **57**

março O meu tempo não é só para mim **65**

abril A Paz é dos violentos **75**

maio Pertenço à Igreja **85**

junho De olhos postos no Céu **97**



REUNIÃO DE EQUIPA
PARA QUEM JÁ NÃO SE LEMBRA DA PILOTAGEM

Sabemos que, ao longo dos anos, as equipas têm tendência a definir o seu próprio esquema de reunião. Contudo, também sabemos que nem sempre cumpre objetivos definidos pelas EJNS. Perdendo-se a dedicação na preparação ou o compromisso na ação, facilmente se confunde o momento mais importante que o Movimento propõe como "mais um evento" marcado na agenda (quando marcado) e, assim se perde a essência daquele tesouro que Nossa Senhora nos entregou: a reunião de EJNS! Assim, aproveitando a exigência dos conteúdos deste caderno, vimos incentivar a exigência na sua utilização. Porque sim, é suposto usares este caderno (leres, escreveres, sublinhares, registar para mais tarde recordar).

ANTES

1. Procurar saber qual é o tema que vai ser apresentado. Sair mais esclarecido e mais preparado para a vida cristã depende do estudo prévio do tema.
2. Preparar a partilha.

DURANTE

JANTAR

Parte integrante do processo de crescimento passa por cumprir o que é estabelecido por todos, nomeadamente, o horário do jantar.

> «Aquilo que é uma verdadeira Equipa nota-se aqui, quando todos se coordenam para ajudar a terminar o jantar a boas horas, arrumar a loiça e preparar o espaço para a oração, o momento que vai marcar o propósito pelo qual ali se reúnem.»
>
> P. Henri Caffarel

ORAÇÃO INICIAL

É suposto que a oração mude radicalmente o ambiente. Deve haver um tempo de silêncio e concentração para que todos se possam colocar na presença de Deus, convidando a que vos ilumine.

TEMA

Uma reunião pode ser uma noite que fortalece para os desafios das próximas 30 noites, ou pode ser uma noite superficial que no dia seguinte deixa apenas cansaço… depende de cada um, depende de ti! É suposto que cada tema seja enriquecido pela individualidade de cada membro. Cada qual tem direito a abordar um assunto de forma mais racional, sentimental, artística, silenciosa ou dinâmica. E nesta diversidade se constrói a Igreja.

PARTILHA

Algo único que se vive no nosso Movimento. Aqui é onde podes sentir a comunidade fraterna que te escuta e apoia em todas as circunstâncias. Sê verdadeiro: não é suposto ser um relatório mensal, mas uma oportunidade para dar voz ao que carregas dentro. Se não mexeres nesses assuntos profundos, como queres que Deus encontre espaço para habitá-los com a Sua luz? Cada pessoa foi escolhida a dedo para estar ali contigo. Escuta o que os outros dizem: dizem os mais velhos que Deus nos deu dois ouvidos e uma boca para ouvirmos o dobro do que falamos!

PONTO DE ESFORÇO

Por fim, tendo em conta as necessidades abordadas pelos diferentes membros nas suas partilhas, escolhe-se um desafio para ser vivido até à próxima reunião: o ponto de esforço. Pode servir-se das sugestões apresentadas ou escolher um diferente em equipa. São Josemaría referia-se às coisas que no imediato nos conduzem a Ele como "práticas de piedade":

> «Não se deverão transformar as práticas de piedade em normas rígidas ou em compartimentos estanques. Indicam um itinerário flexível, acomodado à tua condição de homem que vive uma vida comum, com trabalho profissional intenso e com deveres e relações sociais que não podes descuidar, porque é nessas ocupações que prossegue o teu encontro com Deus.»
>
> São Josemaría Escrivá

ORAÇÃO FINAL

Tudo começa e acaba na oração. Não se ignore o facto radical, que é: O Senhor falou! Juntos deem graças pela presença de Cristo que passa, que vive e que nos quer vivos!

DEPOIS

Deves sentir paz, agradecimento e ânimo! Voluntaria-te para as tarefas necessárias, atenta às atividades que o Movimento tem para oferecer e leva a equipa a participar contigo.

SETEMBRO

Este mundo não me chega



Para Começar

Do Livro do Génesis (Gn 1, 1-5.26-31)

No princípio, quando Deus criou os céus e a terra, a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas. Deus disse: «Faça-se a luz.» E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. Deus chamou dia à luz, e às trevas, noite. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o primeiro dia. (…)

Depois, Deus disse: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.» Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher. Abençoando-os, Deus disse-lhes: «Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra.» Deus disse: «Também vos dou todas as ervas com semente que existem à superfície da terra, assim como todas as árvores de fruto com semente, para que vos sirvam de alimento. E a todos os animais da terra, a todas as aves dos céus e a todos os seres vivos que existem e se movem sobre a terra, igualmente dou por alimento toda a erva verde que a terra produzir.» E assim aconteceu. Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o sexto dia.

Para o Tema

Querido jovem equipista! Começamos este novo ano com um desafio sublime: olhando para o Alto, "Verso l'Alto" (S. Pier Giogio Frassati), ir ao mais profundo de nós mesmos e do nosso ser, onde Deus toca o desejo mais íntimo que trazemos dentro e que nos faz experimentar como "este mundo não nos chega".

Uma sede de infinito

De facto, só quando olhamos para o Alto, contemplando o Deus que tudo criou, podemos chegar ao mais profundo de nós mesmos, onde habita essa ânsia de plenitude que nos faz desejar mais. Mas é também escavando no mais fundo do nosso coração, quando descemos até essa fonte interior que há dentro de nós, que aprendemos a elevar o olhar para o Alto e a descobrir que só Deus pode saciar essa sede que nos habita.

Nas primeiras páginas da Sagrada Escritura, o livro do Génesis revela-nos que «Deus criou o ser humano à Sua imagem e semelhança» (Gn 1,26-27) e que, ao contemplar toda a obra criada, viu que «era muito boa» (Gn 1,31). Entre todas as criaturas, o ser humano ocupa um lugar singular: criado à imagem e semelhança de Deus é a Sua obra mais sublime. Dotado de uma natureza corporal e espiritual, traz inscrito no mais profundo do seu ser um desejo de plenitude, que o abre ao infinito e o impele a procurar de forma incessante a verdade e a felicidade. Só em Deus esta ânsia do coração humano encontra a sua plena realização.

Na beleza da criação, o Deus Infinito deixou já impressos os sinais da Sua bondade e do Seu amor. Mas não se contentou em revelar-Se apenas através da obra criada. Na plenitude dos tempos, quis aproximar-Se ainda mais de nós, de modo inimaginável. Em Jesus Cristo, o Infinito entrou na nossa finitude, assumiu a nossa condição humana e revelou plenamente Deus ao homem e o homem ao próprio homem (cf. Gaudium et Spes, 22), manifestando a grandeza do nosso ser: fomos criados para o bem, para a verdade e para um amor sem medida. Esta é a marca que Deus gravou no coração de cada um de nós: uma abertura ao infinito que nada pode apagar e que nenhum desejo fora de Deus, por mais intenso que seja, consegue plenamente saciar.

Só em Deus, no mistério insondável do Seu amor e da Sua comunhão poderemos encontrar a resposta última para esta sede de infinito. Só n'Ele pode descansar o nosso coração. Foi esta a experiência de Santo Agostinho, vivida de forma bela e desconcertante, e por ele expressa numa das páginas mais belas das suas Confissões: "Criastes-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousa em Vós.".

O que procuro realmente?

A procura dos bens do Alto, mesmo que inconsciente, é parte constitutiva do nosso ser, por isso, importa parar e rezar com a pergunta: "O que procuramos nós realmente?". Fazer um sério exame da nossa vida e perceber por onde andamos a caminhar, ajudar-nos-á a colocar-nos com maior verdade diante de Deus e dos irmãos e a responder sinceramente às nossas inquietações mais íntimas.

A cada instante, o mundo oferece-nos muitos bens e oportunidades, mas quando procuramos neles a felicidade última, transformam-se em inúmeras promessas de felicidade incapazes de nos saciar, muitas delas reduzem-se a satisfações imediatas e efémeras que acabam por deixar um profundo vazio e uma solidão crescente. Quando perdemos de vista o horizonte de Deus, tornamo-nos mais vulneráveis a propostas que obscurecem a nossa verdade e enfraquecem o respeito pela vida e pela dignidade humana.

Na raiz desta inquietação encontra-se, muitas vezes, a ausência de uma verdadeira experiência de Deus. Falta o encontro pessoal com Aquele que nos ama incondicionalmente e nos revela quem somos e para que fomos criados. Só quando nos sabemos e sentimos amados por Deus, tal como somos, descobrimos a nossa verdadeira identidade e experimentamos como "este mundo não nos chega", não porque seja mau, mas porque se torna pequeno diante da grandeza do desejo que Deus colocou no nosso coração.

Encontro

Quem faz esta experiência do amor de Deus aprende também a olhar o mundo com um novo olhar. A criação deixa de ser um fim para se tornar um caminho que conduz ao Criador; as pessoas deixam de ser um meio ou uma posse para se tornarem um dom; e cada instante da vida transforma-se numa oportunidade de encontro, de crescimento no amor e de caminhada rumo ao Alto.

Esta experiência do amor de Deus concretiza-se na relação pessoal com Jesus que, como verdadeiro Deus e verdadeiro Homem sabe e conhece o nosso coração e não é indiferente ao que nele se passa. Precisamente por isso, vem ao nosso encontro, vem à nossa história, para nos dizer que é Ele a Água Viva que pode saciar a nossa sede, que é Ele o Pão Vivo que pode mitigar a nossa fome.

Um dos mais belos relatos evangélicos desta experiência de amor é o encontro de Jesus com a Samaritana (Jo 4,1-42). Ao dirigir-Se ao poço de Sicar, Jesus vai ao encontro de uma mulher marcada por uma história de fragilidade, de procura e de sede. A sua vida parecia refletir o drama de tantos corações humanos: procurar incessantemente uma felicidade que nunca chega a saciar plenamente.

É precisamente nesse lugar, onde ninguém esperaria um encontro tão decisivo, que Jesus lhe revela a profundidade da sua verdadeira sede. Não lhe oferece uma solução imediata para os seus problemas, mas oferece-Se a Si mesmo como a Água Viva: «Quem beber da água que Eu lhe der nunca mais terá sede» (Jo 4,14). Jesus conhece toda a sua história, mas não a condena; olha-a com misericórdia, restitui-lhe a dignidade e abre-lhe um horizonte novo de vida.

Pós

Esta experiência não termina no encontro. A partir desse momento, tudo na vida desta mulher se transforma. Deixa o cântaro junto ao poço — sinal de que encontrou uma água maior do que aquela que procurava — e corre à cidade para anunciar: «Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz» (Jo 4,29). E poderíamos ainda acrescentar: «...e, conhecendo toda a minha vida, não me rejeitou; amou-me e mostrou-me quem eu sou aos olhos de Deus.»

Deus não sacia a nossa sede apenas para nos consolar; sacia-a para nos transformar, como aconteceu com a Samaritana. O amor de Deus, quando verdadeiramente acolhido, muda a vida e desperta em nós o desejo de corresponder a esse amor. Este é o caminho da santidade.

Também Nossa Senhora é para nós modelo nisto. Maria ensina-nos que a verdadeira felicidade nasce da certeza de que Deus basta. O seu coração, totalmente disponível à graça, tornou-se espaço onde o Infinito entrou na história. Nela contemplamos a humanidade tal como Deus a sonhou: livre, plenamente realizada e aberta ao Seu amor.

É por isso que Maria continua a apontar-nos o caminho. Quem aprende a caminhar com Maria aprende também a levantar os olhos para o Alto e a descobrir que a vida encontra o seu verdadeiro sentido quando é vivida em comunhão com Deus.

Assim, a santidade torna-se a resposta mais plena ao desejo de infinito que Deus gravou em nós. Ser santo é deixar que Cristo transforme a nossa vida, como transformou a da Samaritana e é acolher Deus com a disponibilidade de Nossa Senhora.

Vemos assim como o nosso coração, sonhado por Deus, está feito para o Infinito e para o Alto. Como recordava o Papa Leão XIV no Jubileu da Juventude: «Aspirem às coisas grandes, à santidade, onde quer que estejam. Não vos contenteis com menos.» Por isso, também nós, com Santo Agostinho, podemos reconhecer que o nosso coração permanecerá inquieto enquanto não encontrar o seu descanso em Deus.

Querido equipista, eis a plenitude da nossa vida: a santidade, vocação de todo o coração que descobre que foi criado para Deus. Só então compreendemos que este mundo, por mais belo que seja, não nos basta, porque, como escreveu Santa Teresa de Jesus: «Só Deus basta.» E quando Deus basta, o coração encontra finalmente a paz, a alegria e a plenitude que sempre procurou.

Quero ser santo! – Santa Beatriz da Silva

Santa Beatriz da Silva nasceu em 1436 em Campo Maior, Portugal. Filha de D. Rui Gomes da Silva, alcaide de Campo Maior, e de D. Isabel de Menezes.

Muito jovem foi para a corte de Castela, acompanhando como dama a sua prima Isabel que contraiu matrimónio com D. João II de Castela. A sua beleza - diz-se que era a dama mais bela de todo o Reino –foi causa de ciúmes e de invejas na corte e, por isso, D. Isabel tentou matá-la encerrando-a num cofre, onde permaneceu três dias.

Enquanto esteve encerrada no Cofre, apareceu-lhe Nossa Senhora que lhe pediu que fundasse uma Ordem dedicada a dar culto à sua Imaculada Conceição e que as irmãs se vestissem como ela, de branco e azul.

Ao fim de três dias, Beatriz saiu do cofre, viva e mais bela e resplandecente do que nunca. Decidiu, então, abandonar a corte e cobrir o rosto com um véu para que a sua beleza não fosse mais causa de invejas e ciúmes para ninguém.

Retirou-se para Toledo, para o convento de Dominicanas de S. Domingo o Real, onde viveu em silêncio e oração, como "senhora de piso" durante trinta anos, à espera de perceber a vontade de Deus. Ao fim desse tempo, Nossa Senhora apareceu-lhe novamente e disse-lhe que era hora de fundar.

Beatriz saiu, então, com doze companheiras para os Palácios de Galiana, oferecidos pela Rainha Isabel, a Católica, onde viveu cinco anos esta forma de vida. Quando se preparavam para, finalmente tomar o hábito, Nossa Senhora voltou a aparecer uma terceira vez a informar Beatriz que viria buscá-la dentro de dez dias, pois não era vontade de Deus que visse a sua obra na Terra, mas sim que a contemplasse desde o Céu.



A vida de Santa Beatriz, como vemos, é para nós um testemunho eloquente. O mundo não lhe chegou, porque o seu coração tinha sido criado para Deus. O caminho da sua santidade começou quando permitiu que a sede de infinito inscrita no seu coração encontrasse resposta no Amor infinito de Deus. Por isso, desprendendo-se dos bens deste mundo, entregou-se inteiramente ao Senhor e escolheu uma vida escondida, feita de silêncio, oração e comunhão com Deus.

Humanamente, podia ter alcançado honras, riqueza e prestígio. Contudo, ao fazer a experiência do amor de Deus, tudo o resto deixou de ocupar o primeiro lugar no seu coração. N'Ele Santa Beatriz encontrou a plenitude que o mundo nunca lhe poderia oferecer e assim também a sua vida passou a proclamar silenciosamente que «só Deus basta.».

Para Discutir

- Na minha vida, o que procuro realmente? Onde procuro saciar a sede do meu coração?
- Que "cântaro" preciso de deixar hoje aos pés de Jesus para beber da Água Viva que só Ele me pode dar?
- Rezo a santidade desde a perspetiva apresentada. Estou verdadeiramente disposto a deixar-me conduzir por este caminho de santidade?

Para o Ponto de Esforço

Realizar uma "To-do list" relativa ao que procuro. Recordá-la com regularidade a fim de perceber se me aproximo do seu cumprimento ou não.

Para Rezar

Senhor, tu és grande e digno de todo o louvor. Grande é a tua virtude e a tua sabedoria não tem limites. Quer o homem louvar-te, ele que é uma parte da tua criação, o homem que irradia a sua mortalidade, que irradia o testemunho do seu pecado e o testemunho de que tu resistes aos orgulhosos: e contudo quer louvar-te o homem que é uma parte da tua criação. És tu que fazes com que ele se delicie em louvar-te, porque tu nos fizeste para ti, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em ti. Senhor, faz com que eu saiba e compreenda se devo invocar-te primeiro ou louvar-te, se primeiro devo conhecer-te ou invocar-te. Mas quem te invoca sem te conhecer? Porque sem saber pode invocar uma coisa por outra. Ou, pelo contrário, será que és invocado para seres conhecido? Mas como hão-de invocar aquele em quem não creram? Ou como crêem se não houver pregador? E louvarão o Senhor aqueles que o procuram. Pois quem o procura encontra-o, e quem o encontra louvá-lo-á. Que eu te procure, Senhor, invocando-te, e te invoque crendo em ti: pois a nós já foste pregado. Invoca-te, Senhor, a minha fé, a fé que tu me deste e me inspiraste pela humanidade do teu Filho, pelo ministério do teu pregador.

Santo Agostinho

Para Aprofundar

- Relato da Criação – Gn 1, 1-31
- Encontro com a Samaritana – Jo 4, 1-42
- Santo Agostinho. Confissões (Livro I)
- Gaudium et Spes (22)
- Papa Leão XIV, Homilia da Missa de encerramento do Jubileu da Juventude (Tor Vergata, 3 de agosto de 2025)

OUTUBRO

Faço parte de uma história maior
que eu



Para Começar

Do Evangelho segundo São João (Jo 1, 1-4)

«No princípio havia o Verbo; o Verbo estava em Deus; e o Verbo era Deus. No princípio Ele estava em Deus. Por Ele é que tudo começou a existir; e sem Ele nada veio à existência. Nele é que estava a Vida de tudo o que veio a existir. E a Vida era a Luz dos homens.»

Para o Tema

No princípio, antes de qualquer coisa vir à existência, já Deus existia, já Deus era. No princípio era apenas Deus e isso bastava, nada faltava e nada mais era preciso acrescentar a Deus. Mas se Deus de nada precisa, por que razão criou a humanidade? Já alguma vez paraste para pensar na razão de existires? Na verdade, tu não tinhas de existir. Então, porque é que existes? Se antes de ti já existia uma história, de que história fazes parte? Quem és tu? Para quem és tu?

Esta e muitas questões podem aparecer no teu coração, pelo que importa dar-lhes espaço para deixar que Deus vá respondendo no Seu tempo. Contudo, não precisas de ficar à espera de que Deus te apareça num sonho ou numa visão, Deus já Se revelou e já disse algumas coisas que te podem ajudar a responder a estas e a outras questões.

Em Si mesmo, Deus, que é amor e comunhão, decidiu criar a humanidade para participar da Sua vida, do Seu amor, da liberdade etc. Em Cristo e por Cristo, Deus Pai começou a criar tudo para a humanidade e assim começou a grande aventura, a grande história da humanidade, uma história que existia antes de ti e que há de continuar depois, uma história da qual fazes parte e na qual Deus te quer porque te ama. Talvez nunca tenhas pensado nisto, mas a primeira razão pela qual existes é a vontade e o amor de Deus, por ti! Deus ama-te tanto que não quis um universo em que tu não estivesses, não quis um mundo no qual não contasse contigo! Quão amado és pelo Deus que te criou. Quão amado és!

Talvez não soubesses que és mesmo amado por Deus e talvez ainda não compreendas o quão concreto isso é na tua vida, seja como for, gostava que este tema tivesse como ponto de partida a certeza do amor de Deus. E, a partir dessa certeza, surge naturalmente uma pergunta: como é que tens respondido ao amor de Deus?

Tudo o que é criado tem uma finalidade, isto acontece com qualquer um de nós que se lembre de criar algo, mas também com o próprio Criador. Tudo tem algum propósito, um sentido. Nesta aventura da qual fazes parte, importa então compreender qual é o teu papel.

Tomar consciência da presença de Deus

Quanto mais vivemos na presença de Deus, mais experimentamos a Sua paz. Deus está connosco, Deus está aqui, então «Se Deus está por nós, quem pode estar contra nós? [...] Quem poderá separar-nos do amor de Cristo?» (Rm 8, 31-39). A consciência da presença de Deus permite que possa repousar a cada instante n'Aquele que tudo criou e a quem todos ama. Estando em Deus, posso compreender que também eu sou chamado a amar no mundo, a ser sinal de Deus no mundo. Assim compreendemos que toda a vida e vocação são uma iniciativa divina. É Deus quem nos chama à vida, ao Céu, a uma vocação que nos há de levar a nós e a outros a vivermos com Ele, por Ele e n'Ele.

Criado para ser alguém

Deus criou-nos para sermos alguém e não para fazermos alguma coisa. A nossa primeira vocação é: ser; vivendo plenamente aquilo que somos, na relação com Cristo. Sim, antes de nos preocuparmos com fazer coisas, Deus chama-nos a ser, chama-nos à vida e chama-nos ao Céu. Não sei quanto a ti, mas quando era mais novo ouvia sempre esta pergunta: «O que queres ser quando fores grande?». Penso que quando somos pequenos respondemos que

queremos ser coisas que admiramos, aí surge o típico futebolista ou artista, no fundo, é aquela nossa mania das grandezas; na adolescência procuramos as coisas em que somos bons; na vida adulta, por vezes, já só queremos algo que nos permita sobreviver. Não fomos criados para fazer alguma coisa, mas para ser: para sermos filhos de Deus, para sermos Igreja, para sermos para o Céu. Fomos feitos para mais, para o Alto. Andamos muitas vezes ansiosos e inseguros por não conseguirmos – ou por julgarmos que não conseguimos – corresponder ao que os outros esperam de nós, ao que esperamos de nós próprios, etc. No meio de tudo isto, Deus só nos pede que vivamos plenamente, permanecendo n'Ele. Deus só te pede que te deixes amar e viver nesse amor, confiando-Lhe tudo o que és e tens. O verdadeiro caminho é o de se deixar encontrar por Jesus e segui-l'O.

Criados para a relação

Deus criou-nos para ser e ser para alguém, a viver em relação: com Deus, com os outros e contigo. Se somos chamados a viver neste amor de Deus que tudo cria e tudo sustém, gratuitamente, somos também chamados a responder a esse amor na comunhão com os outros, na fidelidade do dia-a-dia. Deus chama-te a fazer parte da história da salvação no meio da tua família, do tempo de estudo, numa esplanada com amigos, nos pratos para lavar, numa noite de adoração, numa reunião de equipa, mas, sobretudo, por Ele, com Ele e n'Ele. É no teu quotidiano, nos gestos simples de cada dia, que Deus continua a escrever a história da salvação. Deus chama-te a fazer parte desta aventura, de mais um capítulo de uma história que te transcende e na qual Jesus quer servir-se de ti para que mais pessoas cheguem, já hoje, a viver a partir do Céu e para o Céu. Deus quer que a tua vida seja uma 'doxologia', que a tua vida seja um hino de glória. Repara como rezas aos Domingos «Glória a Deus nas alturas e paz na terra...», pois bem, para cultivar a «paz na terra» basta viver para dar «Glória a Deus» e, como dizia Santo Ireneu, «a glória de Deus é o homem vivo».

Viver em Igreja

Diz-se que a história de cada vocação é o diálogo entre o amor de Deus que chama e a liberdade do homem que, no amor, responde a Deus. Diz-se e é verdade! Este é o grande mistério da eleição de Deus, que chama cada um a fazer parte de uma resposta do Seu amor, tanto ao que é chamado como ao Povo de Deus. A tua vocação é resposta do amor de Deus à humanidade e à Igreja! Compreendemos agora o que nos dizia o Papa São João Paulo II «[a vocação] não só deriva "da" Igreja e da sua mediação, não só se faz reconhecer e realiza "na" Igreja, mas configura-se como serviço "à" Igreja» (PDV 35). A Igreja é a comunidade daqueles que em primeiro lugar te levaram a Jesus e permitiram o vosso encontro; é como que o centro das vocações, não só por contê-las, mas por gerá-las e formá-las. Jesus edificou a Igreja e deu-te a Igreja como Mãe e mestra, é entrando e vivendo em Igreja que podes receber a missão que Jesus te quer confiar.

Equipar-se para o caminho

A descoberta do plano que Deus quer construir contigo para a tua vida não é um livro em branco ou algo indecifrável, é um caminho no qual o Espírito Santo te vai comunicando a vida divina e o modo de fazer parte dela. Assim, por meio da Igreja, Deus oferece-te múltiplas ferramentas: a vida sacramental (especialmente a Missa e a Confissão, mas também a graça de poder estar em adoração); a Palavra de Deus (tanto a Sagrada Escritura como o Magistério da Igreja); a vida comunitária, vida eclesial (descobrindo-me pertença da Igreja e chamado a servi-la); a vida dos santos (homens e mulheres que testemunham a vida de Deus neles); a intimidade com Deus (momentos de oração e de encontro); a direção espiritual (para poder ir crescendo na vida espiritual e no discernimento); etc.

Responder a Deus, escutando

A vocação é um chamamento, logo, implica uma resposta. Talvez este fosse o passo que julgasses vir em primeiro lugar. Porém, antes de responder, importa compreender de onde vens e para onde és chamado a ir, daí ter sido importante: estares na presença de Deus; reconheceres que foste criado por amor; saberes que foste criado para ser e viver em relação; saberes que pertences à Igreja e que é nela que descobres a tua vocação; e, por fim, conheceres os meios que Jesus te oferece pela Igreja para então poderes responder ao que Deus quer de ti e contigo. Tendo percorrido todo este caminho, estarás praticamente pronto para responder, falta apenas o mais essencial, que, no fundo, é pôr tudo isto em prática.

Este é talvez o passo mais decisivo da tua vida. Ninguém pode responder a um chamamento se não o escuta. Ninguém pode escutar a voz de Deus se estiver constantemente agitado e barulhento. Ninguém pode verdadeiramente responder a Deus se permanecer constantemente a dizer-Lhe aquilo que Ele deveria fazer ou deixar de fazer. Ninguém pode escutar a voz de Deus se não se apresentar diante d'Ele com um coração aberto e disponível para o que Ele lhe quiser pedir. Sem silêncio e sem escuta não damos espaço à Palavra e não conseguimos responder. É bem certo que muitas vezes travamos uma batalha pela atenção do nosso coração, muitas vezes optamos por escutar-nos a nós próprios, os outros, o mundo, o tentador, e não nos calamos para escutar o Salvador.

Deus quer comunicar-Se a ti e quer contar contigo para Se comunicar a outros. Escutar Deus não é procurar pensamentos positivos ou coisas que gostemos, é escutar alguém que nos sustenta em tudo. Pôr-se à escuta de Deus é pôr-se na intimidade com Ele, escutar o Seu coração para viver e responder no Seu amor. E quando houver silêncio da parte de Deus, quando te sentires num deserto, aproveita para dar graças! O deserto não é para a rejeição, mas para a intimidade, para o foco, para a atenção. O silêncio de Deus não é ausência, é presença, é espaço onde te podes escutar a ti próprio e onde podes contemplar toda a história da salvação da qual fazes parte.

Confiar

É um passo simples e ao mesmo tempo muito exigente. Confiar como fez Maria. Abandonar-se livremente à vontade de Deus, mesmo não sabendo o caminho todo, mesmo não compreendendo esse caminho. Maria confia e diz o seu «Fiat». No fundo, é aqui que reside o teu papel na história da salvação: confiares-te em Deus e deixares que Deus faça. Deus não precisava de ti para salvar o mundo. Mas quis precisar de ti para o fazer, desde toda a eternidade imaginou uma página da história da salvação que só tu podes escrever. Por isso, confia.

Não tenhas medo de dar a vida, não tenhas medo de viver e de te abandonar inteiramente nas mãos de Deus que é o condutor desta história e que conta contigo para fazê-la avançar. «Ama e o que quiseres faz» (Santo Agostinho). Talvez seja isso a vocação: descobrir que a vida só encontra sentido quando deixo de viver a partir de mim e para mim, quando deixo de ser o protagonista, quando deixa de ser "a minha história" e entrego todo o protagonismo a Deus, deixando que Ele transforme a vida numa resposta de amor.

Quero ser santo! – São Maximiliano Maria Kolbe

Se ainda me permitires, desafio-te a conheceres a história de São Maximiliano Maria Kolbe (séc. XIX-XX). Quando era pequeno, conta que teve uma visão de Nossa Senhora que lhe apresentou duas coroas – uma branca, símbolo da pureza, e uma encarnada, símbolo do martírio – e lhe perguntou qual das coroas queria escolher. O pequeno Maximiliano escolheu as duas! Parece ganancioso, mas no fundo, São Maximiliano ensina-nos a querer viver e a escolher dar a vida. Anos mais tarde compreendeu e empenhou estas duas coroas. A coroa branca usou-a respondendo à vocação sacerdotal na ordem franciscana e na sua vida dedicada a levar pessoas a Cristo por meio da devoção à Virgem Maria. A coroa encarnada usou-a em Auschwitz onde se entregou para salvar outro prisioneiro, sendo posteriormente torturado. Amou e amou até ao fim, oferecendo toda a sua vida.



Para Discutir

- Se Deus de nada precisa, por que razão criou a humanidade?
- Se antes de ti já existia uma história, de que história fazes parte?
- O que queres ser quando fores grande?
- Como é que tens respondido ao amor de Deus?

Para o Ponto de Esforço

Combinar ir em equipa a 1 hora de adoração e, diante de Jesus, calar-me e tentar escutar qual o Seu plano para mim.

Para Rezar

Senhor, nós Vos pedimos a confiança ilimitada na Vossa misericórdia divina e a coragem de aceitar as cruzes e os sofrimentos que trazem imensa bondade às nossas almas e à da Vossa Igreja.

Ajudai-nos a amar-Vos com um coração puro e contrito, e a humilhar-nos sob a Vossa cruz, enquanto escalamos a montanha da santidade, carregando a nossa cruz que conduz à glória celestial.

Que possamos receber-Vos com grande fé e amor na Sagrada Comunhão, e permitir-Vos agir em nós, como Vós desejais, para a Vossa maior glória.

Ó Jesus, coração mais adorável e fonte eterna do Amor Divino, que a nossa oração seja acolhida perante a Divina Majestade do Vosso Pai Celestial.

Ámen

São Pio de Pietrelcina

Para aprofundar

São João Paulo II. Pastoris dabo vobis

NOVEMBRO

Para que me serve a liberdade?



Para Começar

Do Evangelho de São João (Jo 8, 31-36)

Dizia, então, Jesus aos judeus que tinham acreditado nele: «Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos; conhecereis a verdade e a verdade vos liberta-rá». Eles responderam-lhe: «Nós somos descendentes de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém! Como é que Tu dizes: "Sereis livres"?». Respondeu-lhes Jesus: «Em verdade, em verdade vos digo: todo aquele que comete o pecado é escravo do pecado. Ora, o escravo não permanece para sempre na casa; o filho é que permanece para sempre. Portanto, se o Filho vos libertar, sereis realmente livres.

Para o Tema

Todos temos tendência a acreditar, pelo menos antes de uma reflexão mais profunda sobre o tema, que liberdade tem muitos sinónimos: ter opção de escolha, fazer o que me apetece ou ainda, não ter que viver segundo um conjunto de regras.

Percebemos facilmente, através de exemplos bastante elementares, que liberdade não é sinónimo de ausência de regras.

Basta imaginar uma cidade em que não existisse código da estrada. Eu como condutor, apesar de não ter que seguir um conjunto regras, sou muito menos livre. Demoro mais tempo a chegar onde quero, não posso decidir que caminho seguir, não posso confiar nos outros condutores e posso, com medo, até deixar de guiar.

Neste caso a ausência de regras aumentaria as possibilidades teóricas (andar a 150km/h ou passar um sinal encarnado) mas diminuiria a liberdade real de cada um. Assim, estabelecemos que existem certas regras não para me impedir de fazer o que quero, mas que me permitem alcançar um bem que sozinho não conseguiria realizar.

Um bem!

O catecismo da igreja católica ensina-nos precisamente que a liberdade tem em tudo a ver com a bondade, com a verdade, tem em tudo a ver com Deus (CIC, 1731).

Quanto mais o homem fizer o bem mais livre se torna. Em oposição, uma vida de pecado torna-o escravo. O pecado divide a vontade, torna o homem senhor da sua vida e escravo dos seus apetites. S. Paulo ilustra isto claramente "Não faço o bem que quero, mas faço o mal que não quero." Rm 7,19

É por isso muito importante fazer a distinção entre aquilo que me apetece, mais imediato e efémero, e aquilo que quero profundamente, mais constante e profundo. E é importante fazer esta distinção (também no concreto da minha vida) não num sentido de oposição entre o que é bom e o que é mau, mas numa lógica de conhecimento e de crescimento interior.

Os meus apetites não são maus em si mesmos e servem de critério em muitas das decisões imediatas e pequenas que tomamos. Na escolha de um sabor de gelado ou do programa que vou fazer amanhã. Porém é fundamental estarmos conscientes destes apetites para que não sejamos dominados por eles:

Eu quero ser uma pessoa mais saudável e por isso decido que vou acordar todos os dias às 8h para ir ao ginásio. Mas a cada dia que passa apetece-me dormir mais um bocadinho e desligo o despertador. O meu apetecer que é um sentimento apenas imediato impede-me de me levantar comprometendo o bem ambicionado pelo meu querer mais profundo.

Ordenar os afetos

Faz parte de uma vida interior em construção a tentativa de ordenar estes apeteceres e afetos para o bem. Novamente o catecismo ensina que pertence à perfeição do bem moral ou humano que as paixões sejam reguladas pela razão (CIC, 1767) uma vez que, estas podem ser assumidas pelas virtudes ou pervertidas pelos vícios.

O nosso Deus vive exatamente isto, no horto das Oliveiras, pouco tempo antes de ser entregue pelos seus amigos. Jesus sente uma tristeza enorme e um medo angustiante, mas transformados pelo Espírito ("Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice! No entanto, não se faça a minha vontade, mas a tua" Lc 22, 42) estes sentimentos alcançam a sua consumação na caridade, num Deus que se oferece por nós na cruz.

O episódio da agonia é também exemplo de que a graça não concorre em nada contra a nossa liberdade.

É precisamente aqui que ganha sentido a virtude da castidade - a capacidade, trabalhada com a graça de Deus e com esforço pessoal, de viver o corpo e a afetividade segundo a verdade do amor, e não segundo o impulso. A pessoa casta não é aquela que não sente atração ou desejo, mas aquela que é livre perante esse desejo, capaz de o pôr ao serviço do amor verdadeiro e não ao seu próprio serviço.

Mas a verdade liberta não apenas por oposição ao pecado. Somos criados a imagem e semelhança de Deus e, portanto, é impressa em nós a vocação à santidade que não é mais de que um cumprimento pleno da singularidade de cada um. Deus tem um amor que é ao mesmo tempo acolhedor, misericordioso e exigente. Não como quem nunca está satisfeito e aponta ao impossível, mas de quem nos conhece por inteiro nos sabe capaz de coisas grandes e da plenitude. Por isso, é libertador vivermos em resposta ao seu amor, viver a verdade daquilo que somos porque foi para isso que fomos criados

Quero ser santo! - Jacques Fesch

Jacques Fesch é um exemplo radical daquilo que a Igreja propõe no que toca ao exercício da liberdade. Condenado à morte pelo crime que cometeu, encontrou na prisão um caminho de conversão que transformou profundamente a sua vida. Na cela, onde parece inexistente qualquer tipo de liberdade, descobriu uma liberdade muito mais profunda: a de se deixar transformar por Deus, reconhecer o mal cometido, arrepender-se e entregar-Lhe



a própria vida. Os seus últimos escritos, condensados no livro "Daqui a cinco horas vou ver Jesus", mostram um homem que, perante uma morte que não podia evitar, já não procura fugir da realidade, mas acolhê-la - porque é próprio do cristão viver com o que lhe é dado, não a partir daquilo que foi, mas a caminho daquilo que Deus o chama a ser – dando testemunho de Jesus e procurando glorificar o Seu nome em todas as coisas! Dizia como Jesus "Que se faça a vontade do Senhor em todas as coisas!"

Para Discutir

- Há alguma coisa na minha vida que eu comecei por escolher livremente e que hoje sinto que me escolhe a mim? Um hábito, uma necessidade, uma pessoa, uma forma de procurar aprovação, um desejo... Em que medida isso limita a minha liberdade?
- O que significa para mim dizer que a graça de Deus aumenta a minha liberdade, em vez de a diminuir?
- Tenho alguma resistência a deixar que Deus entre nas minhas decisões porque sinto que isso me tira autonomia? Onde é que preciso de aprender a confiar mais n'Ele?
- É possível ser verdadeiramente livre sem existir uma verdade sobre o bem? Ou cada pessoa pode definir livremente aquilo que é bom para si? O que acontece à liberdade quando as nossas ideias de "bem" entram em conflito?

Para o Ponto de Esforço

No final do dia, rezar durante alguns minutos com as palavras de Jesus: "Não se faça a minha vontade, mas a tua" (Lc 22,42), pensando numa situação concreta do dia em que tenha sido difícil escolher o bem

Para Rezar

Confio em teu poder e em tua bondade,
Em tu confio com filialidade.
Confio cegamente em toda a situação,
Mãe, no teu Filho e em Sua proteção

Para Aprofundar

- Catecismos da Igreja Católica (1730-1748)
- Bento XVI, Homilia no Yankee Stadium, 20 abril 2008

DEZEMBRO

Amar o caminho



Para Começar

Do Evangelho segundo São Mateus (Mt 4, 1-11)

Então, o Espírito conduziu Jesus ao deserto, a fim de ser tentado pelo diabo. Jejuou durante quarenta dias e quarenta noites e, por fim, teve fome. O tentador aproximou-se e disse-lhe: «Se Tu és o Filho de Deus, ordena que estas pedras se convertam em pães.» Respondeu-lhe Jesus: «Está escrito: "Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus."» Então, o diabo conduziu-o à cidade santa e, colocando-o sobre o pináculo do templo, disse-lhe: «Se Tu és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo, pois está escrito: "Dará a teu respeito ordens aos seus anjos; eles suster-te-ão nas suas mãos para que os teus pés não se firam nalguma pedra."» Disse-lhe Jesus: «Também está escrito: "Não tentarás o Senhor teu Deus!"» Em seguida, o diabo conduziu-o a um monte muito alto e, mostrando-lhe todos os reinos do mundo com a sua glória, disse-lhe: «Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares.» Respondeu-lhe Jesus: «Vai-te, Satanás, pois está escrito: "Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a Ele prestarás culto."» Então, o diabo deixou-o e chegaram os anjos e serviram-no.

Para o Tema

Era uma vez um burro e um camelo que andavam no deserto. No primeiro dia, estando já ambos com muita sede, encontraram um oásis no qual o camelo bebeu a água toda. O burro, indignado, disse "Então, camelo?" e o camelo respondeu "Cala-te, burro, que eu é que sei!". No segundo dia, novamente com sede e cansados, encontraram outro oásis no qual o camelo bebeu a água toda. O burro, indignado, disse "Então, camelo?" e o camelo respondeu "Cala-te, burro, que eu é que sei!". No terceiro dia aconteceu o mesmo, tal como no quarto, no quinto, no sexto, e assim por diante.

Esta história, normalmente contada como uma anedota, na qual desta vez faltou a punchline, retrata bem o caminho que cada um percorre na sua vida, especialmente os momentos mais áridos do mesmo. Na aridez do deserto encontraram um lugar onde poderiam ser saciados, mas apenas o camelo assim ficou. O burro, por seu lado, ficou indignado pelo facto de o camelo ter ficado saciado em vez de si ou em vez de ambos ficarem, mas essa sua indignação não fez com que desistisse de percorrer o deserto a fim de encontrar outro oásis no qual poderia ficar bem.

Até ao deserto

A primeira causa da aridez, a primeira razão para a chegada ao deserto, é a ação de Deus na vida de cada um.

No início do caminho percorrido, este é dominado pelo entusiasmo em viver as coisas de Deus. Este início é marcado, essencialmente, pelos consolos espirituais, consolos esses vindos de experiências espirituais (um momento de oração, uma homilia, etc), comunitárias (um campo de férias, uma partilha entre amigos, etc) ou missionárias (um voluntariado, uma missão, etc). No início são bons e importantes, mas revelam-se insuficientes para um verdadeiro conhecimento de Deus.

Seguidamente, com o amadurecimento, vai-se descobrindo o sentido do serviço a Deus. Aparece, então, a vontade de dedicar tempo às coisas de Deus, o empenho na missão que nos é encarregue. E este lugar também é ótimo e importante, profundamente evangélico, mas ainda não é Deus. Neste lugar começam a surgir o cansaço, o fracasso e a frustração, que podem ter diversas razões para a sua génese (fracasso no apostolado, espiritualidade insuficiente, adiamento da conversão, luta contra Deus e a Sua vontade, entre outras). Diante disto poderá despontar a tentação de desanimar. E é precisamente neste momento que, ao não sucumbir à tentação, mas escolhendo o amor, se entra no deserto e se descobre Deus.

O que fazer no deserto?

O deserto não é um espaço agradável. É caracterizado por uma humidade extremamente baixa, chuvas muito escassas e uma grande variação de temperatura entre o dia e a noite. A água é escassa, os frutos que poderão aparecer são até mais doces (o que leva a maior necessidade de água para quem os come), os ventos são intensos e levam areia e poeiras. Por mais que se esteja preparado para enfrentá-lo, é um espaço onde não se deseja habitar.

Assim, o deserto é um local de provação, de tribulação, é um local no qual o mais importante e necessário é perseverar. Santo Inácio de Loyola dizia que "na tribulação não se deve tomar nenhuma decisão". Isto é importante porque trata-se de um momento frágil que pode ser usado para nos confundir.

A única decisão que se pode tomar no deserto é a da fidelidade a Jesus, a da continuação da procura de Deus. "Não haverá fidelidade se não houver na origem esta busca ardente, paciente e generosa; se no coração do homem não se encontrar uma pergunta, para a qual só Deus tem a resposta, ou melhor dizendo, para a qual só Deus é a resposta." (São João Paulo II).

Há, então, na vida do cristão, estes momentos em que não se sente a presença de Deus, em que não se vê o Seu toque nas ações diárias, em que não se vê a sinalética a apontar o caminho a seguir. São João da Cruz fala da famosa "noite escura" cheia de aridez e de provação, um verdadeiro martírio para a alma. Segundo este Doutor da Igreja, é Jesus que chama a alma a caminhar com Ele no deserto, mesmo queimando os pés e sendo queimado pelo sol, a fim de ser santificado. Isto não acontece pelo simples gozo de te ver a sofrer, mas porque o amor de Jesus para cada um que atravessa o deserto (e não só) é imenso! O fogo bom não é aquele "fogo de palha", alto e bonito, mas rápido, que logo se apaga; mas é o fogo baixo que pega na lenha grossa e permanece por muito tempo. O fogo de palha é só o começo para que depois a lenha grossa possa também ser queimada.

É durante este deserto que Deus mais atua em cada um! É neste deserto que as ervas daninhas são arrancadas, que os espinhos são retirados, que a planta é podada. É na noite que se descansa, é nela que o sono é reposto. É enquanto dormimos no escuro que o organismo deixa de focar na interação com o ambiente exter-

no e passa a concentrar a sua energia na reparação celular, regulação metabólica e reequilíbrio hormonal. Quanto mais escura fica a noite, mais perto nos aproximamos da aurora. Deus sabe o que se está a passar. É hora de abandono nas Suas mãos paternas – In manus Tuas, Pater! É hora de Lhe ser fiel.

"Se a vocação é anterior a tudo, se a estrela vai à nossa frente para nos orientar no nosso caminho de amor de Deus, não é razoável termos dúvidas quando, uma vez ou outra, a perdemos de vista. Em certos momentos da nossa vida interior, quase sempre por nossa culpa, acontece o que aconteceu na viagem dos Reis Magos: a estrela desaparece. Já conhecemos o esplendor divino da nossa vocação, mas o pó que levantamos ao caminhar talvez forme uma nuvem opaca, que não deixa passar a luz." (São Josémaria Escrivá)

Fé no deserto

A fé não é um conjunto de sentimentos ou de sensacionalismos. A fé não necessita do gosto, da vontade ou do sentimento. A fé necessita da adesão a Cristo, da decisão por Cristo que rege a vida. É, por isso, fundamental que, em toda a aridez, em todo o deserto, em toda a noite escura, se mantenha a decisão por Cristo, que diz: "Pedi, e ser-vos-á dado; procurai, e encontrareis; batei, e hão-de abrir-vos. Pois, quem pede, recebe; e quem procura, encontra; e ao que bate, hão-de abrir." (Mt 7, 7-8).

Quero Ser Santo! – Santa Teresa de Calcutá

Santa Teresa de Calcutá viveu mais de 50 anos de escuridão e abandono que sentia depois de receber o que ela denominava "um chamamento dentro do chamamento", para sair das Irmãs de Loreto e fundar as Missionárias da Caridade.

Embora fosse comum ver a religiosa albanesa a sorrir, numa carta ao seu diretor espiritual, em 1957, Santa Teresa escreveu: "Chamo, agarro-me, quero e ninguém me responde. Quando tento elevar

os meus pensamentos ao céu, há tal convicção de vazio que esses mesmos pensamentos retornam como facas afiadas, e danificam a minha alma".

Apesar deste deserto espiritual vivido por Santa Teresa de Calcutá, ela nunca baixou os braços relativamente à oração, mantendo-se sempre fiel a Jesus. O deserto percorrido foi longo e a aridez grande, mas a fidelidade de Santa Teresa foi maior.

Para Discutir

- Em peregrinação já me senti cansado e pensei em ir para o carro de apoio? Como agi perante esta ideia?
- Quando sou assaltado pela tentação da desistência, qual a minha reação? O que faço para resistir-lhe?
- Em que parte do caminho me encontro? Assusto-me com o deserto ao qual pareço estar a aproximar-me?
- Revolto-me por estar no deserto? Agradeço por estar a atravessar um deserto?

Para o Ponto de Esforço

Durante este mês vai a uma capela onde haja Adoração ao Santíssimo Sacramento e fica diante de Jesus, mesmo que esteja a ser um tempo árido de oração. Quando começares a pensar em sair de diante de Jesus, garante que ficas mais 15 minutos.



Para Rezar

Senhor, é noite agora e nós estamos sós. Fazei, doce Senhor, que eu só busque a Vós.

Senhor - ah, não me importa estar a noite escura -, Fazei que eu vos procure e não vossa doçura.

Eu quero, sim, Senhor, por Vós, não ter mais nada. Eu quero, sim, Senhor, por Vós, não ver a estrada

E caminhar assim, sem luz, sem alegria, Sabendo que - na noite - a vossa mão me guia,

Sabendo que sois Vós que o quereis assim E, se o quereis, Senhor, é por amor de mim.

É para refletir em mim a vossa imagem, É para que eu vos dê, se Vós me dais coragem,

As almas de que a sede, ó meu Senhor Jesus, Vos fez obediente até à morte na cruz.

Senhor, dai-me, pois, fé e dai-me a noite escura. Depois, eternamente, então, vossa doçura.

Para Aprofundar

- São João Paulo II. Homilia na Catedral Metropolitana da Cidade do México, 26/01/1979
- São João da Cruz. Noite Escura
- Aprender a ser fiel - Opus Dei

JANEIRO

Diante d'Ele,
mais Deus e menos eu


EM
BREVE

Para começar

Do Evangelho segundo são Mateus (Mt 5, 1; 6, 5-7; 7, 7-8. 28-29)

Ao ver a multidão, Jesus subiu a um monte. Depois de se ter sentado, os discípulos aproximaram-se dele. Então tomou a palavra e começou a ensiná-los, [...]

Quando orardes, não sejais como os hipócritas, que gostam de rezar de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa. Tu, porém, quando orares, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, reza em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê o oculto, há-de recompensar-te. [...]

Nas vossas orações, não sejais como os gentios, que usam de vãs repetições, porque pensam que, por muito falarem, serão atendidos. Não façais como eles, porque o vosso Pai celeste sabe do que necessitais antes de vós lho pedirdes.

Pedi, e ser-vos-á dado; procurai, e encontrareis; batei, e hão-de abrir-vos. Pois, quem pede, recebe; e quem procura, encontra; e ao que bate, hão-de abrir. [...]

Quando Jesus acabou de falar, a multidão ficou vivamente impressionada com os seus ensinamentos, porque Ele ensinava-os como quem possui autoridade e não como os doutores da Lei.

Para o tema

Diante d'Ele, nas formas de rezar

Os primeiros discursos relatados na história da humanidade precedem-nos 4000 anos. Tomando consciência da importância que todos os discursos têm no curso da história, a verdade é que há um discurso ímpar e singular, único e primordial para todo e cada homem: O Sermão da Montanha. O seu autor? Jesus de Nazaré.

Reunida a multidão, eis que Jesus, o novo Moisés, vem reconfigurar a lei antiga e levá-la à consumação. Precisando, subir a este monte é estar diante do coração da sabedoria evangélica, diante

da sede do Homem, diante da nova forma de viver de quem é discípulo de Cristo.

Imagino a multidão imensa com o rosto transfigurado pela boa nova de Jesus. Sim, porque habituados a compreender a prosperidade e notoriedade humana como um sinal do amor de Deus, ficaram perplexos com a afirmação de que aqueles que rezam em segredo serão recompensados.

Depois de abrir assim o coração de todos os presentes, Jesus começa uma cadeira teórica-prática sobre a oração, em que, caminhando em paralelo com os Seus ensinamentos, os faz experimentar o fulcral da oração: estar diante d'Ele.

Rezar é a Deus, e podemos correr o risco de, ao contrário da multidão, nas nossas "coisas" do Senhor não estarmos diante do Senhor. "Nos tempos que correm, até com os muitos exercícios de oração, as muitas coisas para discernir, para refletir, às vezes pode-se correr o risco de a oração ser um exercício interno, mas não de relação com Deus. E, portanto, ser um processo em circuito fechado. Bom, reto, mas não um estar diante de Alguém cujo sol me queima, cuja luz me encadeia e me clareia, cuja força me empurra, cuja ternura me amansa, cuja misericórdia me refresca".

Graças a Deus, a nossa Igreja oferece-nos assim muitas formas para podermos rezar. Desde as equipas aos campos, do terço à adoração, dos sacramentos aos sacramentais, das peregrinações aos retiros, do celibato ao matrimónio, da vida comunitária ao silêncio do deserto, dos testemunhos aos inimigos, da caridade à Palavra de Deus. E em tudo isto a grande questão não passa por perceber a sua organização, sentido ou liturgia de todas estas propostas, mas sim estando diante d'Ele, escutar a Sua voz.

É sempre novo o sermão da montanha que Jesus veio trazer à Igreja de todos os séculos, o convite para que em tudo o que fazemos fiquemos em segredo com Ele no coração. É esta a revolução de Jesus, em que a oração não se trata do que faço, mas como estou; não do que alcanço, mas se em tudo permaneço diante d'Ele, no Seu Amor.

Diante d'Ele, na forma de rezar

Nos seus escritos, São Gregório Nazianzo escreve: "Deus não escuta a nossa oração, escuta o nosso coração". Tendo em conta que o coração é o centro de gravidade da nossa alma, este Doutor da Igreja mostra como antes dos nossos métodos de oração, o que o Senhor quer é o nosso coração.

Se no tópico anterior procurámos o Senhor nas diferentes formas de oração da nossa vida, agora procuramo-l'O a partir da disposição do nosso coração. Porque é esta a primeira condição da amizade com Deus. Do profeta Jeremias: "Buscar-me-eis e encontrar-me-eis quando me procurardes de todo o coração".

Com isto, o Senhor vem corrigir a tentação de acharmos que só podemos rezar quando formos perfeitos, ou quando já não tivermos pecados, ou quando estamos em estado de graça. Não! O Senhor não quer corações perfeitos, mas corações inteiros. Inteiros com a realidade da sua vida e que se Lhe apresentam com o que têm, o que são, e o que procuram.

Este é o ponto de partida de toda a oração. Eu diante d'Ele não esconder nada, estar inteiro com a minha vida, a minha faculdade, a minha família, os meus amigos, os meus sonhos, as minhas lutas, as minhas alegrias, os meus pecados. Tudo pôr a Seus pés.

Diante d'Ele, o coração dilata

Neste movimento interior da oração, depois de santificarmos as nossas formas de rezar e de estar inteiros na forma como rezamos, os frutos são visíveis: há um coração que se dilata, que se expande, que se abre ao coração de Deus. É este o momento em que o coração se move e fica como o d'Ele.

Assim, este pode ser um bom indicador e parâmetro na minha vida de oração. Se de facto o meu coração está a ser conduzido aos sentimentos de Deus, se de facto vejo como a cada dia o meu coração cresce em tamanho e amor. É normal as boas consolações e emoções que Deus nos dá acompanharem os movimentos do coração, mas não são um fim em si mesmo.

"Nós rezamos insistentemente os salmos, os evangelhos, a liturgia

da missa, nesta firme esperança de que aquelas palavras, possuídas pelo Espírito de Deus nos façam sentir os sentimentos que Deus tem e que Deus espera"

É este o segredo da vida de oração, usar das repetições (não das "vãs repetições") que fazem o meu coração aderir a esta proposta de Deus: que Ele possa viver em mim.

No deserto, João Batista relembra-nos a proposta de Deus, que por sua vez coincide com a sede do Homem, com a vocação da oração em si: "Pois esta é a minha alegria! E tornou-se completa! Ele é que deve crescer, e eu diminuir.". Este é o ponto de partida e de chegada, a oração como fonte de alegria, a alegria que é plena no homem que sabe que tem de diminuir para que Ele possa crescer, e o Seu Reino dilatar.

Quero ser santo! - São Francisco Marto

Podemos olhar para São Francisco Marto desta maneira: criança, pastor e cristão a sério. Corresponde em tudo ao que Jesus propõe. É nele que vemos o silêncio e resguardo na oração, é na pobreza do seu testemunho que nos tornamos conscientes da riqueza da oração. Francisco é um santo sobre o qual pouco sabemos, mas é também aí que é exemplo - tem um coração que não vive para o júbilo do mundo, mas para a relação íntima com Jesus. E é clara, na sua vida, a obra da Graça, o coração dilatado, consequência da oração e causa da sua conversão. Peçamos a sua intercessão para sermos também amigos fiéis de Jesus escondido, e que isso nos baste.

Para discutir

- Quais são as minhas formas de rezar? Tenho a oração como parte fundamental do meu dia ou opcional? Em que sítios, projetos, ou lugares gosto mais de rezar?
- Como me apresento diante de Deus? Falo sobre tudo ou há alguns temas tabu? Uso de vãs repetições? O que me falta para me apresentar inteiro diante de Deus?
- Deixo que Jesus molde o meu coração? Tenho um coração de pedra ou deixo que Deus trabalhe em mim? Estou disposto a diminuir para que Ele cresça ou custa-me imaginar isto?

Para o Ponto de Esforço

Experimenta diferentes formas de rezar, diferentes formas de te aproximares de Jesus, diferentes formas de estares diante d'Ele. Divide o teu mês por semanas e experimenta uma forma de rezar em cada uma delas, rezando dessa forma em todos os dias dessa semana

Para Rezar

"Nas vossas orações, não sejais como os gentios, que usam de vãs repetições"

Para este tema, propomos que rezem o Pai-nosso, a oração por excelência, a oração que Jesus ensinou. De forma pausada e consciente, não de forma vã mas sim com todo o coração.

Pai Nosso, que estais nos Céus,

santificado seja o vosso Nome,

venha a nós o vosso Reino,

seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu

O pão nosso de cada dia nos dai hoje,

perdoai-nos as nossas ofensas,

assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido,

e não nos deixeis cair em tentação,

mas livrai-nos do Mal. Amén

"Não me parece que rezamos com a devida perfeição se, ao dizermos Pai Nosso, nao soubermos quem é este Pai e quem somos nós que temos a ousadia de lhe falar"

Santa Teresa de Ávila

Para aprofundar

- Evangelho segundo São Mateus capítulos 5-7
- Padre Ricardo Neves. Sermão da Montanha: Caminho de um Peregrino
- BibleProject. What is the Sermon on the Mount?
- Padre Paulo Ricardo. O Sermão da Montanha
- Opus Dei. A felicidade que nada pode tirar

FEVEREIRO

Quero uma vida una


EM
BREVE

Para Começar

"Escuta Israel: O Senhor nosso Deus é o único Senhor; Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças" Mc 12, 29-30

"Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus." 1 Cor 10,31

"Tudo quanto fizerdes, por palavras ou por obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando graças por Ele a Deus Pai." Cl 3, 17

Para o Tema

É importante começar este texto por esclarecer ou pelo menos estabelecer 3 conceitos diferentes que se apresentam como círculos concêntricos e muitas vezes usamos como sinónimos:

Coerência: aquilo que acredito corresponde àquilo que faço. É sobretudo uma questão moral.

Unidade interior: a minha inteligência, vontade, afetos e desejos estão progressivamente ordenados para o bem. É uma questão antropológica (relativa à essência do homem) e espiritual.

Unidade de vida: toda a minha existência, incluindo as realidades quotidianas e temporais, está integrada na minha vocação cristã e na minha relação com Cristo. É uma questão simultaneamente moral, antropológica e essencialmente vocacional.

Esta última é particularmente relevante na vida de um cristão. A unidade começa necessariamente no interior e, a partir daí, manifesta-se no exterior: uma vida verdadeiramente una pressupõe um coração uno. Não se trata de pôr um bocadinho de Deus em cada realidade da minha vida, como se a fé fosse mais uma dimensão a acrescentar às restantes. Trata-se de deixar que Cristo passe a ser o centro que rege e dá sentido a tudo aquilo que vivo. É a partir desta unidade interior que as diferentes dimensões da existência podem deixar de estar fragmentadas e começar a convergir numa única vida.

Há uma imagem muito bonita que nos pode acompanhar ao longo deste texto: o kintsugi, uma arte japonesa de reparar peças de cerâmica partidas, unindo as suas fissuras com ouro. Em vez de esconder as marcas daquilo que se partiu, o kintsugi torna-as visíveis e, de certo modo, adorna-as. A peça não volta simplesmente a ser como era antes: é restaurada, e as próprias fissuras passam a fazer parte da sua beleza.

Abertura à graça

Viver uma vida una não significa estar constantemente a lutar contra mim mesmo numa tentativa de ser coerente. A unidade cristã não nasce, em primeiro lugar, do esforço de me tornar aquilo que penso que devo ser, mas da presença de Cristo em mim. É a graça que, habitando e transformando a minha vida, vai unificando aquilo que sou e configurando-me progressivamente a Cristo. Não se trata tanto de eu conseguir, pelas minhas próprias forças, tornar-me melhor, mas de deixar que a graça de Deus santifique aquilo que sou e, pouco a pouco, faça com que toda a minha vida se assemelhe à de Cristo.

Podemos voltar ao kintsugi e pensar na graça santificante como o ouro que une as peças partidas. Apesar de fragmentadas, elas continuam a pertencer ao mesmo corpo, tal como as diferentes realidades da nossa vida, tantas vezes dissociadas entre si, continuam a pertencer à mesma pessoa. Podemos até tentar juntar as peças por nós mesmos e, durante algum tempo, tudo pode parecer novamente inteiro. Mas basta a mais pequena perturbação para que aquilo que estava apenas encostado se volte a separar. A graça, pelo contrário, não se limita a aproximar aquilo que estava dividido: une-o verdadeiramente.

Viver em oração

Falar de uma vida una em que a própria vida se torna oração não é sinónimo de uma vida em que tudo se converte literalmente em oração. É bonito e necessário que a nossa vida seja vivida em oração, mas isso não significa que sejamos chamados a rezar continuamente de forma explícita. Não significa que na escola/faculdade em vez de estudar estou a rezar o terço ou que em vez de jantar com a minha família estou no quarto a rezar o Evangelho do dia.

Somos chamados a fazer as coisas nos seus tempos com o que nos é confiado. O estudo deve ser estudado, o trabalho deve ser trabalhado, a família deve ser vivida, o descanso deve ser descanso. Somos chamados a santificar as realidades mundanas da nossa vida não porque as substituímos por oração, mas porque são vividas por alguém que tem o coração unido a Cristo, vividas com caridade.

Parte da nossa unidade de vida é amar o lugar e o tempo em que Deus nos pôs: é entusiasmante poder trabalhar e melhorar este mundo, ao mesmo tempo que temos a cabeça no Céu. Criação e redenção realizam-se dinamicamente aqui, hoje e agora, sempre que vibremos por conhecer e compreender o nosso mundo, para o amar com um otimismo criativo.

Voltamos ao kintsugi e percebemos que a taça, apesar de renovada e embelezada, não é colocada em exposição num museu: volta a servir o seu propósito. Uma chávena partida, depois de recuperada através desta arte, volta a servir chá. Agora com uma beleza que lhe é conferida.

Também a oração na nossa vida não substitui aquilo que somos chamados a fazer, nem nos retira das realidades concretas em que vivemos. Continuamos a trabalhar, a estudar, a estar com a nossa família e a encontrar-nos com tantas pessoas ao longo do dia, mas a oração permite-nos viver tudo isso de uma forma diferente: com mais atenção, mais caridade e mais próximos do Bom, do Belo e do Verdadeiro.

Exemplo de Deus e da Igreja

Acreditamos num Deus uno e numa Igreja una. Um único Deus que é três pessoas e uma única Igreja - Creio na Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica - marcada pela diversidade e comunhão de carismas e vocações.

A exemplo de ambos percebemos que a unidade não é sinónimo de uniformidade. Se a uniformidade é uma caricatura da unidade, somos até chamados a desprezar esta uniformidade a fim de não nos tornarmos fotocópias. A unidade não apaga a diversidade, pelo contrário, acolhe-a e ordena-a numa mesma comunhão.

A unidade de vida e, no limite, a santidade a que somos chamados, é viver em plenitude a nossa vocação e, portanto, não é viver em plenitude a vocação do outro – uma vida una não é uma vida uniformizada, muito menos uma vida moldada à imagem das vidas que vemos à nossa volta. Se é para tornar a minha vida igual à de alguém, quero torná-la igual à de Cristo. Não para ser Cristo, mas para que Ele viva plenamente em mim. A santidade não consiste em deixar de ser quem sou para me tornar igual a outro, mas em tornar-me, pela graça, plenamente aquilo que Deus me chamou a ser.

O fruto - Dimensão Apostólica

Partimos por isso para uma dimensão apostólica da vida cristã. Ser apóstolo é uma consequência (sobre)natural de ser discípulo.

Não somos convidados a ser revelação nem a fazer caminho por aqueles que a querem receber - somos convidados a tirar obstáculos e a deixar transparecer na nossa vida a luz que nos irradia. E é bom querer ser pergunta mais do que atirar como pedras verdades e convicções (que o são e bem). De pouco vale afirmar o que não é perguntado. Só será fecundo o que deseja ser recebido. Portanto, que a nossa vida gere no outro aquilo que Jesus gerava por quem passava – a necessidade de uma vida renovada, unida a Cristo.

A graça da unidade é, pessoal e comunitariamente, um dom e uma tarefa, uma meta e, simultaneamente, um caminho. E a procura constante da unidade de vida é trabalho para toda a vida. Trata-se certamente de unidade interior, de união de todas as dimensões da vida a partir de um sentido unificador, mas trata-se também de união com os outros que somos chamados a amar.

Quero Ser Santo! – São Carlo Acutis

Olhamos para Carlo Acutis hoje não apenas como o santo das tecnologias ou como "o santo jovem", mas a partir da sua unidade de vida e da seriedade que isso implica.

É impressionante perceber o quanto a graça de Deus pode fazer numa vida quando encontra um coração verdadeiramente aberto a Deus. Às vezes parece que esta realidade nos passa ao lado, de tanto a ouvirmos, mas Carlo foi para o Céu com apenas 15 anos. O que fazia eu com 15 anos?

Esta pergunta não é feita num sentido de comparação ou de culpabilidade, mas para nos ajudar a perceber uma coisa muito concreta: Deus, na minha vida, em toda a minha vida, faz-me capaz das coisas do Alto.

Carlo era mesmo um miúdo como nós que ao querer Deus deixou que a Sua graça alcançasse todas as dimensões da sua vida - na devoção necessária à eucaristia, na alegria que trazia à sua família e no serviço silencioso aos pobres.

Também eu sou capaz de viver em unidade. Mas este tem que ser um desejo do meu coração. E, se não o tenho, peço então a Deus que me-lo dê.

Para Discutir

- Onde é que falta unidade na minha vida? Rezo o que vivo e vivo o que rezo?
- Será que sou apóstolo? Como é que giro o equilíbrio entre mostrar a verdade e querer ser pergunta?

Para o Ponto de Esforço

Arranjar uma jaculatória que vou repetindo ao longo de cada dia durante este mês para que Jesus Se faça presente na minha vida. Podem servir como exemplos:

1. Só por Ti, Jesus
2. Obrigado, Senhor

Para Rezar

Concedei-me, Senhor,

a serenidade necessária para aceitar as coisas que não posso mudar,

coragem para mudar aquelas que posso,

e sabedoria para distinguir uma da outra.

Ámen.

Para Aprofundar

- "Em espírito e em verdade: criar a unidade de vida (I)" — Opus Dei
- São João Paulo II. Christifideles Laici, nº17 e nº59

MARÇO

O meu tempo não é só para mim


EM
BREVE

Para Começar

Do Evangelho segundo São Lucas (Lc 10, 38-42)

Continuando o seu caminho, Jesus entrou numa aldeia. E uma mulher, de nome Marta, recebeu-o em sua casa. Tinha ela uma irmã, chamada Maria, a qual, sentada aos pés do Senhor, escutava a sua palavra. Marta, porém, andava atarefada com muitos serviços; e, aproximando-se, disse: «Senhor, não te preocupa que a minha irmã me deixe sozinha a servir? Diz-lhe, pois, que me venha ajudar.»

O Senhor respondeu-lhe: «Marta, Marta, andas inquieta e perturbada com muitas coisas; mas uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada.»

Para o Tema

Marta fez tudo o que muitos de nós gostaríamos de ter feito: acolheu Jesus em sua casa, cozinhou, serviu, tratou de tudo. Fê-lo por amor, porque reconheceu quem ali estava. E a resposta que recebe é desconcertante.

Uma só coisa é necessária? Que coisa? Que melhor parte é que Maria escolheu? Porque é que esta resposta de Jesus é tão desconfortante?

O meu tempo

O desconforto com esta resposta pode ter que ver com a forma como hoje vivemos o tempo.

O tempo de Jesus, de Marta, de Maria, e dos seus vizinhos era medido e vivido de forma diferente. Naquela aldeia, o tempo era controlado observando o sol. Durante muitos séculos, foi escutado no badalar dos sinos. Hoje, todos temos relógios, telemóveis, ecrãs que controlam e nos revelam as horas, os minutos e os segundos.

O tempo está sempre disponível e impõe-se desde o nosso pulso ou bolso.

Esta disponibilidade tem levado a uma vontade de controlar e medir tudo. Todos os minutos despendidos, todos os segundos desperdiçados, tudo é controlado e serve para medir o sucesso de um dia, de uma semana, de um mês. Hoje, um dia bom é um dia produtivo: um dia em que faço check em tudo aquilo que tinha planeado, em que sou eficiente.

Hartmut Rosa, um sociólogo alemão contemporâneo, descreve a nossa época como aquela que só se aguenta de pé enquanto acelera: temos de produzir sem parar, apenas para permanecer no mesmo sítio. O motor disto é a promessa de tornar o mundo inteiramente disponível: conhecido, previsível, útil. Só que, como ele diz, quanto mais o mundo fica ao nosso alcance, menos nos diz: um mundo inteiramente disponível é um mundo mudo.

Este problema de querer controlar e medir o sucesso da vida pela produtividade e eficiência torna-se cada vez mais relevante. Na sua primeira encíclica, o Papa Leão alerta para os desafios que a Inteligência Artificial traz ao nosso mundo. Neste momento, temos máquinas que produzem melhor e mais depressa do que nós em muitas tarefas. No momento em que estes sistemas se tornarem capazes de absorver o nosso contexto e ser produtivos por nós, uma pergunta existencial vai instalar-se: para que é que eu sirvo agora?

É uma pergunta muito importante, porque desmascara uma mentira muito anterior: nunca valemos pela eficiência, e nunca fez sentido medir a vida pelo que produzimos.

Ora, Deus, que nos fez à Sua imagem e semelhança, é o Deus Criador, não produtor. Por isso, fomos criados com um desejo inato e profundo de ser criativos, não produtivos. São João Paulo II escrevia "que o homem, criado à imagem de Deus, participa mediante o seu trabalho na obra do Criador e, num certo sentido, continua, na medida das suas possibilidades, a desenvolvê-la e a completá-la" (Laborem Exercens, 25).

A necessidade de produzir e de ser produtivo é a resposta imperfeita ao desejo de criar. Produzimos sem parar porque queremos criar e muitas vezes não sabemos como.

Voltemos à imagem do sino, que durante tantos séculos indicou e definiu o ritmo do tempo. Um sino é tocado e reverbera. Se ten-

tarmos controlá-lo colocando a mão sobre ele, o sino deixa de tocar. E nunca é só um sino a tocar: para haver som, é preciso que alguém o toque, que haja quem o ouça, e que por dentro esteja vazio. É nestes três lugares que o meu tempo se vai decidindo.

O meu tempo … para os outros

Um sino é tocado e chama todos os que o ouvem. Não escolhe a quem chama, chega a quem está a passar por perto e a quem já não consegue sair de casa para ouvir melhor.

Quando a produtividade passa a ser a unidade de medida e modelo de sucesso, a tentação é aplicá-la a todos: uma amizade passa a valer se "der lucro", se o tempo investido valer todo o bem que aquele amigo me traz, uma conversa, um projeto, tudo tem esta lógica.

O telemóvel toca à noite e é o amigo que demora meia hora a chegar ao assunto. Olho para o nome, olho para o que me falta fazer do trabalho, e deixo tocar com a intenção sincera de ligar amanhã. Ligo daí a nove dias, ou não ligo de todo.

Ninguém faz estas contas por avareza ou por desprezo, mas muitas vezes porque somos responsáveis e tememos desiludir quem confia em nós, porque tomamos responsabilidades e vivemos com compromisso. O problema é que nestas contas há gente que deixa de aparecer: o avô que repete a mesma história quatro vezes, o tio doente que continua doente, aquele amigo que nunca tem novidades para contar, por isso para quê ligar.

O Papa Francisco tinha um nome duro para isto: a cultura do descarte. Falando dos idosos, dizia que os descartamos porque "não são úteis, e o que não serve é descartado" (Comunidade de Santo Egídio, 2014). Não é preciso desprezar para descartar alguém: basta nunca ter tempo para os outros.

O meu tempo ... para Deus

Um sino não decide quando toca. Espera, e o som vem quando se deixa tocar.

Com Deus, o cálculo do tempo e da produtividade é mais estranho, mas continuamos a fazê-lo. Muitas vezes rezo à procura de chegar a uma conclusão, à paz de que preciso amanhã... Rezo para chegar ao resultado, e quando saio sem um resultado fico com a sensação de tempo perdido ou de falta de fecundidade. Outras vezes deixo de pedir coisas e passo a pedir que aquele tempo renda. Quero a produtividade do tempo, e, sem dar por isso, ponho a mão sobre o sino para poder sentir quanto toca, e deixo de o poder ouvir.

Hartmut Rosa introduz na sua teoria o conceito interessante de ressonância. A ressonância descreve os momentos em que deixamos de estar diante do mundo como quem o gere e passamos a estar diante dele como quem lhe fala e obtém uma resposta. Alguma coisa nos toca, nós respondemos, e ficamos diferentes por causa disso, como na ressonância física. A ressonância não existe se houver controlo. Podem preparar-se as condições, mas não o resultado. Ninguém programa o instante em que é tocado: pode apenas estar ali, disponível.

Na oração é o mesmo, com uma diferença decisiva: o que não está à nossa disposição não é uma força vaga, é Deus. Santa Teresa de Ávila dizia que rezar é "um trato de amizade, estando muitas vezes a sós com quem sabemos que nos ama" (Livro da Vida). Não estamos com um amigo para obter um resultado. Está porque gosta.

O meu tempo ... para nada

Um sino ressoa porque está vazio, porque é oco por dentro e porque tem espaço à sua volta para ressoar.

Criar exige ressonância e exige ócio e descanso. Exige contemplar o que já foi criado para descobrir o que há por criar, e contemplar depois de criado. "No sétimo dia, Deus concluiu a obra que fizera

e descansou" (Gn 2, 2). Esse descanso não repara a obra, coroa-a (cf. Catecismo, 2184).

O nosso descanso deixou de ter silêncio. Ao fim do dia, quando finalmente paramos, é frequente não produzirmos nada, mas também não descansarmos: passamos horas a reagir a publicações, a histórias de outros, a notícias. O Papa Leão XIV alertava para o risco da vida a reagir, notando que os algoritmos de hoje "recompensam as emoções rápidas e penalizam as expressões humanas que requerem mais tempo" (Mensagem para o 60.º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2026). Neste contexto, o silêncio hoje tem de ser escolhido, já não acontece por acaso.

E um sino soa porque está vazio por dentro, e porque há espaço e silêncio para o ouvir. Se enchemos a nossa vida de barulho, mesmo a sós, deixamos de conseguir ouvir a ressonância que tudo na nossa vida gera.

O meu tempo ... não é meu

Pier Giorgio Frassati gastou com os pobres de Turim um tempo que ninguém sabia que ele gastava. Só no funeral é que os seus perceberam onde ele andava. E é o que dele ficou.

O tempo que damos é o tempo que não produz: a tarde com o amigo lento, a visita que ninguém vai saber que fizemos, a reunião onde não se decide nada e onde, sem sabermos como, alguma coisa acontece. É a isto que a Igreja chama contemplação: olhar sem pedir que renda.

E é daqui que se cria: o tempo que recebo não é meu para guardar nem para fazer render, é para contemplar e devolver com um sentido novo. Jesus não nos pediu que produzíssemos: "fui eu que vos escolhi e vos destinei a ir e a dar fruto, e o vosso fruto permaneça" (Jo 15, 16).

Talvez seja esta a resposta às perguntas do início. A única coisa necessária não é uma coisa: é Alguém, e a disponibilidade para O receber. Marta não estava a fazer nada de errado. Estava a fazer tudo bem, convencida de que era o serviço que fazia aquele dia valer a pena. A melhor parte de Maria não foi não fazer nada: foi estar disponível, e não lhe será tirada porque não é um resultado.

É por isto que nos desconforta: se a única coisa necessária não é nada que eu faça, o meu valor também não é.

O Criador, quando fez o mundo, não o fez para Si, fez para que continuássemos a Sua criação criando e contemplando. Um sino não guarda nada do que toca: o som sai todo, e no bronze fica apenas a disponibilidade para ressoar de novo.

Para Discutir

- Como é que eu avalio um dia bom? O que é que essa avaliação diz sobre aquilo em que faço assentar o meu valor?
- Quem é que saiu das minhas contas nos últimos meses? Há alguém que deixou de aparecer na minha agenda sem que eu alguma vez tenha decidido isso?
- Quando rezo, procuro estar com Deus ou procuro um resultado? Dou por mim a tratar a oração como mais uma tarefa a cumprir?
- O tempo que dou aos outros é o que me sobra ou é um tempo escolhido? O que teria de mudar concretamente na minha semana para passar a ser o segundo?

Para o Ponto de Esforço

Escolher, este mês, uma pessoa que tenha saído das minhas contas e dar-lhe tempo que não rende nada: uma visita, um telefonema sem pressa, uma tarde.

Marcar na semana um período curto de silêncio (sem telemóvel, sem música, sem nada para produzir) e mantê-lo mesmo quando parecer tempo perdido.

Para Rezar

Senhor, de todas as perguntas com que Tu me deixas, há uma que cresce dentro de mim; "Que fazes do Teu tempo?". Sabes, perco-me nas tarefas, nas voltas a dar, nesta ou naquela responsabilidade, num imprevisto... e no meio disso tudo, confesso, o tempo da minha vida assemelha-se mais a uma fuga que a uma sementeira. Hoje queria pedir-Te que Tu me desses a sabedoria de viver e de repartir o meu tempo. Ajuda-me a realizar o meu trabalho e o meu lazer, o meu esforço e a minha pausa como tempos de dádiva e de encontro. Como tempos que não sejam apenas tempos, mas circulação de vida, de entusiasmo, de criação e de afeto.

Para Aprofundar

- Catecismo da Igreja Católica, 2168-2188 (o dia do Senhor e o descanso) e 2709-2719 (a oração contemplativa)
- São João Paulo II. Encíclica Laborem Exercens (1981)
- Papa Leão XIV. Mensagem para o 60º Dia Mundial das Comunicações Sociais, «Preservar vozes e rostos humanos», 24 de janeiro de 2026
- Hartmut Rosa. Ressonância e O Incontrolável (originais alemães; traduções inglesas: Resonance, The Uncontrollability of the World)
- Vasco Pinto de Magalhães sj. Só avança quem descansa
- Luciana Frassati. O meu irmão Pier Giorgio
- Josef Pieper. Leisure: the basis of culture

ABRIL

A Paz é dos violentos


EM
BREVE

Para começar

Da Carta aos Efésios (Ef 6, 10-17)

Finalmente, tornai-vos fortes no Senhor e na sua força poderosa. Revesti-vos da armadura de Deus, para terdes a capacidade de vos manterdes de pé contra as maquinações do diabo. Porque não é contra os seres humanos que temos de lutar, mas contra os Principados, as Autoridades, os Dominadores deste mundo de trevas, e contra os espíritos do mal que estão nos céus. Por isso, tomai a armadura de Deus, para que tenhais a capacidade de resistir no dia mau e, depois de tudo terdes feito, de vos manterdes firmes. Mantende-vos, portanto, firmes, tendo cingido os vossos rins com a verdade, vestido a couraça da justiça e calçado os pés com a prontidão para anunciar o Evangelho da paz; acima de tudo, tomai o escudo da fé, com o qual tereis a capacidade de apagar todas as setas incendiadas do maligno. Recebei ainda o capacete da salvação e a espada do Espírito, isto é, a palavra de Deus.

Para o Tema

Pedes a paz. Ajoelhas-te e pedes, suspiras por ela "como o veado suspira pelas correntes das águas". Fazes bem, porque para isso foste criado – para a paz, para o descanso em Deus, para o sábado sem ocaso. O teu coração foi feito para Ele, e andará em guerra consigo mesmo enquanto n'Ele não repousar finalmente.

Dir-me-ás que outra paz te rouba o sono: a paz do mundo, a guerra que ensanguenta a Europa, ou o Médio Oriente, algum país africano, ou alguma geografia distante. Boa inquietação, mas repara na ordem das batalhas. A paz assina-se em tratados e desfaz-se, porque se começa a casa pelo telhado. Sem a paz interior, todas as pazes geopolíticas são vãs. A ti pede-se outra guerra e promete-se outra paz, fundamento de todas as outras, a que se trava no palmo de terra que és tu. Vence aí – e começarás a pacificar o mundo.

Não a paz do mundo

«Deixo-vos a paz, dou-vos a Minha paz; não vo-la dou como o mundo a dá» (Jo 14, 27): assim falou o Senhor. Não como o mundo a dá. A paz do mundo é o sono, o conforto, a preguiça; é um falso equilíbrio de medos, uma trégua precária, é como as águas paradas que apodrecem, como o silêncio de casas onde já ninguém mora. A paz de quem está longe de Deus – a falsa paz – é o pior dos vazios. A Paz de Cristo é o oposto. É um "fogo que arde" e que se vê, é uma ferida aberta pelo amor, é a conquista de quem não desiste de lutar. Ganha-se de espada na mão – e a espada, não te iludas, aponta primeiro para dentro.

Há-de vir a ti – talvez já tenha vindo, talvez venha esta noite – uma voz mansa, untuosa, razoabilíssima, que se parece com a prudência. E dir-te-á: descansa. Insinuar-te-á: não exageres, a santidade não é para ti; o mal não é assim tão mau; os teus pecados são pecadinhos; não sejas fanático; faz as pazes contigo mesmo, instala-te, não incomodes ninguém – muito menos a ti mesmo. É a voz do falso pacifismo, e reconhecê-la-ás por um sinal: promete-te a paz sem te pedir a guerra. O profeta já a conhecia: «Paz, paz! – quando não há paz...» (Jr 6, 14) Ligam a ferida superficialmente, estendem um pano sobre a gangrena e chamam-lhe cura. Não. Deus é Amor, e o Amor é um incêndio. Quem te diz que não vale a pena lutar não te quer em paz, quer-te adormecido, para poder saquear a casa. Sinistra troca, a do descanso eterno pelo temporal, quando a ordem do Senhor é outra: «Vigiai e orai.» (Mt 26, 41) Uma alma que fez as pazes com os seus pecados não está em paz, içou a bandeira branca na cidadela que Deus lhe confiou. A unidade sem verdade não é a Paz de Cristo. É a paz dos cemitérios – muito sossego, nenhuma vida. Ao morno foi prometido outro destino: ser vomitado da boca de Deus.

Vamos para a guerra!

«Não vim trazer a paz, mas a espada.» (Mt 10, 34). O Príncipe da Paz de espada em punho? Não te espantes. Cristo é a nossa Paz porque venceu, e venceu porque combateu. Não há vitória sem batalha, não há batalha sem inimigo; e o teu inimigo, o grande,

o de sempre, não anda lá fora. Dorme na tua cama, come à tua mesa, responde pelo teu nome. És tu! O homem velho que trazes dentro, o eu ensimesmado que se quer por deus e que sabota, com paciência de traidor, a obra que Deus quer fazer em ti; a soberba que se disfarça de dignidade, a sensualidade que se mascara de necessidade, o egoísmo que se considera prudência, a tibieza que finge ser equilíbrio. Contra o homem velho: guerra sem tréguas e sem quartel, guerra até à raiz, porque «o Reino dos Céus sofre violência, e são os violentos que o arrebatam» (Mt 11, 12). Levanta as portas da tua fortaleza – «levantai-vos, ó portas eternas, e entrará o Rei da glória» (Sl 24, 7) – que quem se tranca na cidadela do seu egoísmo nunca desce ao campo de batalha e quem não combate nunca saberá o que é a paz.

Ideias claras, que nesta guerra o inimigo vence mais por confusão do que por força. A tentação reclama luta; o pecado reclama horror. Não troques as categorias, que é aí que ele te apanha – aterrado com a tentação, que não é culpa tua; complacente com o pecado, que é. A paz não está na ausência de tentações, mas no Amor de Deus. Reza-o uma belíssima oração: Nulla in mundo pax sincera – "não há no mundo paz sincera, sem fel; a pura e verdadeira, doce Jesus, só em Ti está." Se esperas pela calmaria, nunca a terás; e bem nos aproveitam as tormentas, que nos arrancam à ilusão de nos bastarmos e nos atiram, humilhados, para os braços do nosso Pai. Tens medo? De ti, deves ter; mas vale mais a confiança em Deus e o esquecimento próprio. Quem enche o coração de Amor já não tem espaço para o medo. Olha para a Cruz – que temes tu, se ali o Senhor transformou o maior dos fracassos no maior dos triunfos? E quando caíres – porque cairás – esta guerra não se faz sem feridas –, não deixes que o inimigo, vencido nas acções, se vingue nos estados de alma, roubando-te a alegria, a paz, a humildade. Não lhas entregues. As tuas quedas, choradas e confessadas, devem doer-te – dor de amor – mas não te devem tirar a paz. Há paz na perfeição? Há, mas exactamente a mesma te espera na admissão nua das tuas misérias diante de Deus. Enredamo-nos com pouco, complicamo-nos com pouco, perdemo-nos com pouco; e com pouco, e com a Graça de Deus, que é muito, podemos sempre recomeçar – porque a verdadeira paz procede mais da Graça do que da virtude.

E não me venhas com a serenidade dos filósofos, essa paz de mármore, mas sem vida. A paz cristã está distantíssima do estoicismo. Parecem-se como a estátua se parece com o corpo – só por fora. O estóico apaga o fogo para ter sossego; o cristão

deixa que o fogo o tome completamente. «Vim trazer fogo à terra – e que quero Eu senão que ele arda?» (Lc 12, 49). A Paz que a Presença de Deus te traz é um fogo ardente e suave, um incêndio manso que consome sem destruir e te faz viver só para Jesus. Só há duas loucuras possíveis, e hás-de escolher uma: a loucura do amor-próprio e a loucura do Amor de Deus. Os primeiros loucos exasperam-se, porque se procuram em toda a parte e em parte nenhuma se encontram; os segundos vivem uma alegria e uma Paz que o mundo não tem nem pode dar, porque procuram sempre Deus; e, encontrando-O, encontram-se. Só Deus basta; tudo o mais, tudo, Lhe há-de ser submetido – e enquanto guardares para ti uma província que seja, uma gaveta fechada, um grão de poeira, não conhecerás a Paz verdadeira. Luta como Jacob lutou, a noite toda, corpo a corpo com Deus – «não Te deixarei partir sem que me abençoes» (Gn 32, 26) – e sairás do combate como ele saiu: ferido, mas abençoado; a coxear e em paz.

Dou-vos a paz

Só então poderás dar a paz aos outros; que ninguém dá o que não tem. «Bem-aventurados os pacificadores» (Mt 5, 9). Repara que o Senhor não disse os pacatos, disse os pacificadores – os que a forjam na única forja onde ela pode ser forjada: num coração em guerra consigo mesmo. Donde vinha aos santos aquela serenidade que acalmava tempestades? De dentro, de uma luta interior acesa, sem tréguas até ao fim; a paz que deles transbordava era o resplendor de uma guerra ganha de manhã e recomeçada à tarde. «Milícia é a vida do homem sobre a terra» (Job 7, 1), e deste lado da morte não te foi prometido um armistício; foi-te prometido algo maior: «no mundo tereis tribulações; mas tende confiança. Eu venci o mundo.» (Jo 16, 33) Combate, pois, até ao último instante, alma calma e espada acesa. A Paz de Cristo não é o prémio dos que se pouparam, é o estandarte dos que se gastaram até ao fim. E quando a noite descer e a voz mansa voltar a oferecer-te as suas almofadas, responde-lhe de joelhos, com esta oração: "troco, Senhor, todos os confortos do inimigo por uma só restiazinha pequena da Tua Paz!" – dessa Paz que o mundo não pode dar. E ânimo, soldado!, porque essa Paz, o mundo também não ta pode tirar.

Quero ser santo! – São Miguel Arcanjo

Miguel significa "Quem como Deus" – uma pergunta retórica que afirma a supremacia de Deus sobre todas as coisas. São Miguel Arcanjo, patrono especial da Igreja Católica, tem como missão capitanear os exércitos dos anjos na luta contra o diabo e os seus demónios.

Segundo a tradição católica, é descrita no Livro do Apocalipse (capítulo 12) uma batalha na qual São Miguel lidera os exércitos celestiais contra Lúcifer e os anjos que se rebelaram contra Deus. Lúcifer, originalmente um dos anjos mais belos e poderosos criados por Deus, foi consumido pelo orgulho e desejou ser igual ao Criador. Esse desejo de usurpação levou à sua rebelião, arrastando consigo uma parte dos anjos, que se tornaram demónios por seguirem-no. São Miguel emergiu como o defensor da justiça divina e da fidelidade a Deus. Em resposta a esta rebelião, São Miguel proclamou essa verdade e liderou os exércitos celestiais numa guerra contra os anjos rebeldes. A batalha culminou com a expulsão de Lúcifer e dos seus seguidores do céu. Este evento reafirma a ordem divina e a justiça de Deus. São Miguel é, portanto, venerado como o grande protetor contra as forças do mal, o guardião da Igreja, e o defensor da fé.

A expulsão dos anjos rebeldes também tem um significado profundo e simbólico: a luta contínua entre o bem e o mal, não apenas no mundo, mas dentro de cada pessoa. São Miguel, como o líder dos exércitos celestiais, é invocado pelos fiéis como um poderoso aliado na batalha espiritual, ajudando a resistir às tentações e a permanecer fiel a Deus.

Para Discutir

- Desejo a paz numa geografia distante, mas sou promotor da paz em minha casa, no meu grupo de amigos, no meu trabalho?
- Tantas vezes sou confrontado pelo anjinho e pelo diabinho nos meus ombros, pela luta entre o bem e o mal. Deixo que a discussão entre ambos aos meus ouvidos se prolongue? Sei colocar-me cedo no lado certo da discussão?
- Uma alma que fez as pazes com os seus pecados não está em paz, içou a bandeira branca na cidadela que Deus lhe confiou. Icei a bandeira branca em relação a algo? Preciso de mudar a minha disposição em relação a algo que pensei, disse, fiz ou omiti?
- Não sou obrigado a ser forte ao ponto de conseguir superar qualquer tentação que me apareça à frente? Mas estou aberto à Graça de Deus para me ajudar na luta?
- Em algum momento consegui experimentar esta paz que provém da Presença de Deus? Desejo habitar nela?

Para o Ponto de Esforço

Ir à guerra e fazer o esforço de emendar um pecado recorrente. Confessá-lo para que seja perdoado, mas também fazer o propósito sincero e empregar esforços para o remediar e apagar o rasto que deixa no coração.

Para Rezar

São Miguel Arcanjo, defendei-nos neste combate,
sede nossa guarda contra a maldade e ciladas do demónio.
Instante e humildemente pedimos que Deus sobre ele impere;
e vós, príncipe da milícia celeste,
com o poder divino, precipitai no inferno a Satanás e aos outros espíritos malignos,
que vagueiam pelo mundo para perdição das almas.

Ámen

Para Aprofundar

- Jacques Philippe. À Procura da Paz: Um caminho para a vida

MAIO

Pertenço à Igreja


EM
BREVE

Para Começar

Do evangelho de São Mateus (Mt 16, 13-19)

Ao chegar à região de Cesareia de Filipe, Jesus fez a seguinte pergunta aos seus discípulos: «Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?» Eles responderam: «Uns dizem que é João Batista; outros, que é Elias; e outros, que é Jeremias ou algum dos profetas.» Perguntou-lhes de novo: «E vós, quem dizeis que Eu sou?» Tomando a palavra, Simão Pedro respondeu: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo.»

Jesus disse-lhe em resposta: «És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que to revelou, mas o meu Pai que está no Céu. Também Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino do Céu; tudo o que ligares na terra ficará ligado no Céu e tudo o que desligares na terra será desligado no Céu.»

Para o tema

Este mês queremos contemplar o grande mistério da Igreja, a partir da promessa que Jesus nos deixou: «Eu estarei convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28, 20). Interessa, por isso perguntarmo-nos: o que significa, para nós, pertencer à Igreja? Não será apenas estar inscrito num registo paroquial, nem cumprir um conjunto de obrigações religiosas aos domingos. Pertencer à Igreja é fazer parte de um corpo vivo, cuja cabeça é Cristo e do qual cada um de nós é membro insubstituível. Este tema propõe-se, em quatro passos, ajudar-nos a compreender melhor o que é, na prática, esta pertença e como a podemos viver com mais verdade, mais elevação e mais alegria.

Pertencer a uma realidade maior que eu

Talvez a primeira tentação, quando se fala de pertencer à Igreja, é pensar nela como se fosse um clube, um partido ou uma organização a que se adere por afinidade ou por conveniência. Mas a Igreja nasce da iniciativa de Deus, não de um contrato entre pessoas que partilham as mesmas ideias. A própria palavra «Igreja» (do grego ekklesia) traduz-se à letra por «convocação»: é Deus quem chama e reúne o Seu povo dos quatro cantos da terra. Antes de ser uma decisão nossa, pertencer à Igreja é uma resposta a um chamamento que nos precede.

O Catecismo da Igreja Católica lembra uma afirmação dos Padres da Igreja (que são os grandes santos e pensadores, alguns bispos outros padres, dos primeiros séculos do cristianismo) no mínimo arriscada: ensina que o mundo foi criado em vista da Igreja, porque Deus quis, desde sempre, reunir os homens na comunhão da Sua vida divina. O pecado quebrou essa comunhão entre os homens e Deus, e entre os próprios homens; a reunião da Igreja é, por assim dizer, a resposta de Deus a esse caos. Começa com a vocação de Abraão, continua na eleição de Israel, e cumpre-se plenamente em Jesus Cristo, que reúne à Sua volta o «pequeno rebanho» dos que O seguem, chamando-os a formar com Ele a Sua verdadeira família. Neste sentido, a Igreja é a finalidade de todas as coisas.

Por isso, quando dizemos que pertencemos à Igreja, estamos a dizer algo muito mais profundo do que pertencer a um grupo: estamos a dizer que fomos incorporados no próprio Corpo de Cristo, que nos deixámos reunir por Deus, deixámo-nos amar por Ele dentro da família que Ele mesmo formou. Por isso, pensar a Igreja como um lugar que escolhemos para professar as nossas próprias convicções é francamente redutor.

Esta verdade muda a forma como olhamos para os outros membros da Igreja. Não escolhemos os nossos irmãos na fé como escolhemos os nossos amigos: foi Deus quem nos reuniu a todos, com as nossas diferenças, fragilidades e histórias distintas. Aceitar pertencer à Igreja é aceitar esta família que não fizemos à nossa medida, mas que Deus formou à medida do Seu amor.

É por isso que a Igreja se chama, desde os primeiros séculos, «mistério»: não porque seja uma espécie de enigma ou charada, ou uma coisa incompreensível ou distante, mas porque a Igreja

é maior do que eu, a sua realidade mais profunda ultrapassa o que os olhos veem. Vista de fora, a Igreja pode parecer apenas uma organização humana, com as suas estruturas, os seus símbolos, os seus problemas e as suas fragilidades históricas. Mas quem nela entra com fé descobre que, por dentro dessa realidade visível, actua o próprio Espírito Santo, unindo os corações num só Corpo. Pertencer à Igreja é, por isso, um acto de fé antes de ser uma pertença social: é crer que, apesar de tudo o que nela é humano e imperfeito, é ali que Deus decidiu, livremente, «habitar entre nós».

Pertencer ao Papa e aos bispos, mas a algo muito maior do que uma mera instituição

É comum ouvir-se dizer que basta «acreditar em Deus à sua maneira» ou «ter uma relação pessoal com Jesus», sem necessidade de uma Igreja visível, organizada, com um Papa e bispos. Mas o próprio Jesus quis dar à Sua Igreja uma estrutura concreta, que permanecesse até ao fim dos tempos. Escolheu Doze, com Pedro à cabeça, e disse-lhe: «Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja» (Mt 16, 18). Esta escolha não foi um pormenor organizativo: foi a forma específica pela qual Jesus quis garantir que a Sua Palavra chegaria, sem erro nem quebra, a todas as épocas e a todas as geografias.

Os Apóstolos, antes de morrerem, transmitiram a sua missão a sucessores, os bispos, para que o Evangelho se conservasse íntegro e vivo ao longo dos séculos. É o que chamamos sucessão apostólica: uma linhagem ininterrupta que liga cada bispo de hoje, e o próprio Papa, aos primeiros Apóstolos, e estes a Jesus Cristo. Por isso, quando ouvimos o Papa e os bispos unidos a ele a ensinar em matéria de fé e costumes, é a própria voz de Cristo que continua a ressoar na Igreja, ainda que através de pessoas frágeis como nós.

Pertencer à Igreja implica, por isso, uma dimensão muitas vezes esquecida: a comunhão visível com o Papa e com o bispo da nossa diocese. Não se trata de obediência cega a homens, mas da confiança de que Jesus continua a guiar a Sua Igreja por meio deles, como prometeu. É por isso que a Igreja fala de infalibilidade: não porque o Papa seja mais inteligente ou mais santo do que qualquer outro homem, mas porque Jesus quis garantir à Sua

Igreja a possibilidade de professar, sem erro, a fé que Ele lhe confiou. Este dom não depende das qualidades pessoais de quem o exerce, porque é uma graça concedida em favor de toda a Igreja.

Reconhecer isto liberta-nos de duas tentações opostas: por um lado, a tentação de construir uma fé apenas pessoal, desligada da Igreja visível, e, por outro lado, a tentação de exigir que os padres e os bispos sejam perfeitos antes de lhes reconhecermos autoridade. De facto, se pertencer à Igreja é confiar que Jesus continua fiel à promessa que nos fez – «Eu estarei convosco até ao fim dos tempos» – precisamente por meio dessa estrutura visível, imperfeita nos seus membros, mas guiada pelo Espírito Santo.

Convém ainda notar que esta dimensão visível da pertença à Igreja não termina no Papa e nos bispos: estende-se à paróquia onde fomos baptizados ou onde vivemos, ao movimento ou grupo que nos ajuda a crescer na fé, à comunidade concreta com quem partilhamos o caminho. É também assim que as Equipas «entram em jogo» e nos entendemos a nós mesmos. Com efeito, ninguém pertence à Igreja universal sem, de algum modo, pertencer também a uma Igreja concreta, feita de rostos, nomes e histórias reais. É frequente a tentação de querer «a Igreja» em abstracto, sem os incómodos de uma comunidade concreta, com as suas fragilidades e os seus horários pouco convenientes. Mas foi assim, em comunidades concretas, que os primeiros cristãos viveram e transmitiram a fé, e é assim que continuamos, hoje, a pertencer verdadeiramente ao Corpo de Cristo.

Pertencer é viver dos seus dons: os Sacramentos, a Palavra e a oração

Pertencer à Igreja não é um estado adquirido de uma vez para sempre, como quem tira um cartão de sócio. É uma vida que precisa de ser alimentada continuamente pelos dons que a própria Igreja nos oferece. O primeiro destes dons está nos Sacramentos, sinais visíveis e humanos do mundo invisível de Deus e da Sua Graça, através dos quais o próprio Jesus actua realmente em nós. No Baptismo, somos incorporados em Cristo e feitos filhos adoptivos do Pai: é o sacramento que nos torna, pela primeira vez,

membros do Corpo de Cristo. Na Eucaristia, esse mesmo Corpo alimenta-nos e faz-nos crescer na comunhão com Ele e com os irmãos, de tal modo que São Paulo pode perguntar aos Coríntios: «Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo?» (1 Cor 6, 15).

Também a Confissão restaura a comunhão que o pecado sempre ameaça quebrar, porque nenhum de nós vive a sua pertença à Igreja de forma imaculada: todos, por vezes, nos afastamos, e a misericórdia de Deus, oferecida neste sacramento, reconduz-nos sempre à casa do Pai. Quem se afasta dos Sacramentos, ainda que continue a acreditar em Deus, vai deixando gradualmente de viver a sua pertença à Igreja na prática, porque se priva dos instrumentos sagrados que Jesus lhe quis dar para ser capaz de viver essa vida.

Ao lado dos Sacramentos está a Palavra de Deus, transmitida fielmente pela Igreja através da Sagrada Escritura e da Tradição apostólica. Quando a Igreja anuncia o Evangelho é a própria voz de Jesus que continua a chamar-nos e a formar-nos. Por fim, há a oração, pessoal e comunitária: é com ela que respondemos a Deus, que nos fala primeiro, e é nela que a alma respira: a vida de oração não é um luxo para cristãos avançados, mas a condição para se manter viva e desperta a nossa pertença à Igreja.

Pertencer à Igreja é, portanto, muito mais do que uma etiqueta ou uma identidade cultural: é viver concretamente destes dons, deixando que transformem, semana após semana, dia após dia, o nosso modo de pensar, de amar e de agir.

Há ainda um outro dom, menos falado, mas igualmente precioso: a riqueza dos carismas, movimentos e comunidades que existem dentro da grande casa da Igreja. Ninguém vive sozinho a sua pertença: todos precisamos de um lugar concreto – uma paróquia, um movimento, um grupo – onde a fé se aprenda em conjunto e se apoie mutuamente. As EJNS, por exemplo, não substituem a Igreja, mas são um dos muitos caminhos pelos quais a Igreja nos ajuda a entrar mais profundamente na intimidade de Deus, pelas mãos de Nossa Senhora. Reconhecer as nossas próprias limitações e procurar, com humildade, onde ir buscar o alimento que Deus nos quer dar, é também uma forma concreta de viver a pertença à Igreja.

Pertencer é ser enviado: somos responsáveis pela Igreja

São Cipriano de Cartago, bispo do séc. III, deixou uma frase muito repetida ao longo dos séculos: «não pode ter Deus por Pai quem não tem a Igreja por Mãe». Esta frase, à primeira vista dura, exprime uma verdade profunda: não recebemos a fé sozinhos, isolados, mas no contexto da nossa ligação a uma Mãe que nos gera continuamente para a vida de Deus: a Igreja. E, tal como qualquer filho amado por uma mãe, somos chamados a corresponder a esse amor, cuidando também nós da vida da nossa família na fé.

Isto significa que pertencer à Igreja nunca é uma atitude passiva, de quem apenas recebe. Cada baptizado é chamado a participar activamente na missão que Cristo confiou à Sua Igreja: anunciar o Evangelho a todo o mundo. Não se trata de um encargo reservado aos padres e às freiras: todo aquele que pertence à Igreja é, pela força do seu Baptismo, corresponsável pela sua missão, nos lugares onde vive – em casa, na escola, no trabalho, entre amigos. Para muita gente do nosso tempo, nenhum outro Evangelho será dado a ler senão a vida dos cristãos.

Pertencer à Igreja é, por isso, também deixar-se enviar: aceitar que a fé que recebemos não é uma posse privada, mas um dom que só se preserva dando-o. Isto pode significar coisas muito simples e concretas: participar ativamente na vida da paróquia ou do movimento a que pertencemos, oferecer-nos para um serviço que a comunidade precisa, cuidar de quem se afastou, ou simplesmente viver com coerência e alegria diante de quem nos observa sem ainda conhecer Jesus. Nada disto é acessório: é a própria pertença à Igreja a tornar-se visível e fecunda.

Vale a pena, a este propósito, recordar que muitos dos maiores santos da Igreja foram, precisamente, os mais activos na sua missão: pensemos em Santa Teresinha do Menino Jesus, que sem sair do seu convento se tornou padroeira das missões pela oferta silenciosa da sua vida e da sua oração; ou em São Francisco Xavier, que atravessou meio mundo para anunciar Jesus a quem ainda não O conhecia. Nenhum destes santos viveu a pertença à Igreja como um assunto privado, guardado apenas para si: em ambos, pertencer e ser enviado foram, no fundo, a mesma coisa.

Não é também por acaso que, sempre que contemplamos o mistério da Igreja, os olhos dos cristãos se voltem sempre para Maria. A Tradição da Igreja chama-lhe «figura» ou «imagem» da Igreja, porque nela vemos, já realizado e em plenitude, aquilo que a Igreja inteira é chamada a ser: alguém que ouve a Palavra de Deus, que a acolhe com fé total, e que deixa que essa Palavra, nela, se torne realidade, se torne acontecimento, se faça carne. Quando Nossa Senhora diz o seu «sim» ao anjo, não faz apenas nascer o Filho de Deus segundo a carne: torna-se, também, o primeiro e mais perfeito membro da Igreja, aquela que melhor soube pertencer, com fé, obediência e amor, ao desígnio de Deus. Por isso, aos pés da Cruz, quando Jesus diz ao discípulo amado, apontando para Sua Mãe, «eis a tua Mãe» (Jo 19, 27), não está apenas a cuidar de Maria: está a confiar-Lhe, para sempre, toda a Igreja que ali nascia.

É por isso que este caminho de pertença à Igreja não pode, para nós EJNS, deixar Nossa Senhora de fora. Ser um movimento mariano não é um pormenor devocional, um enfeite que se acrescenta à fé: é, precisamente, um modo pedagógico de aprender a pertencer à Igreja. Olhando para Maria, aprendemos a dizer o nosso próprio «sim» sem reservas; aprendemos a guardar e meditar no coração o que vivemos nas reuniões e na vida do movimento, como Ela guardava tudo o que via e ouvia (cf. Lc 2, 19); e aprendemos que a fidelidade à Igreja, mesmo quando exige carregar a cruz, nunca é solitária, porque Maria continua, do Céu, a interceder e a cuidar de cada um de nós como Mãe. Cada equipista que aprende a rezar com Maria está, silenciosamente, a aprender a ser Igreja.

Para discutir

- Quando penso na Igreja, penso primeiro numa instituição com regras, ou numa família que Deus me deu e à qual eu próprio pertenço?
- Vivo a minha fé unida à Igreja visível – ao Papa, ao meu bispo, à minha paróquia ou movimento – ou tenho construído, sem dar por isso, uma fé "à minha maneira"?
- Que lugar têm, de facto, os Sacramentos e a oração pessoal na minha semana? Vivo deles com regularidade, ou apenas em ocasiões especiais?
- Sinto-me apenas alguém que "recebe" da Igreja, ou reconheço-me também corresponsável pela sua missão, no lugar concreto onde vivo?
- Que Evangelho veem de mim as pessoas que mais me conhecem – família, amigos, colegas – através do modo como vivo a minha pertença à Igreja?

Para o ponto de esforço

Um convite simples: convida alguém que se afastou da fé para alguma coisa concreta da vida da Igreja como, por exemplo, a próxima noite de oração do teu sector.

Para rezar

Oração de São Bernardo

Lembrai-vos, ó puríssima Virgem Maria,
que nunca se ouviu dizer que algum
daqueles que tenha recorrido à Vossa protecção,
implorado a Vossa assistência e reclamado o Vosso socorro,
fosse por Vós desamparado.

Animado eu, pois, de igual confiança,
a Vós, Virgem entre todas singular,
como a Mãe recorro, de Vós me valho,
e, gemendo sob o peso dos meus pecados,
me prostro aos Vossos pés.
Não desprezeis as minhas súplicas,
ó Mãe do Filho de Deus humanado,
mas dignai- Vos de as ouvir propícia
e de me alcançar o que Vos rogo.

Amen.

Para aprofundar

- Catecismo da Igreja Católica, nn. 751-773 (o mistério da Igreja) e 857-896 (a Igreja é apostólica).
- Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja (1964), especialmente os capítulos I-III., e também o cap. VIII, nn. 63-65 (Maria, figura e modelo da Igreja).
- Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a Divina Revelação (1965), n. 7.

- Papa Francisco, Exortação Apostólica Evangelii Gaudium (2013), nn. 20-24 (sobre a Igreja em saída).
- Papa São João Paulo II, Catequeses sobre o Credo — «Creio na Santa Igreja Católica» (Audiências Gerais, 1990-1991).
- Bento XVI, Catequeses sobre a Igreja (Audiências Gerais, 2012-2013).
- Catecismo da Igreja Católica, nn. 967-975.

JUNHO

De olhos postos no Céu


EM
BREVE

Para Começar

Do Evangelho de São João (Jo 14, 1-6)

Não se perturbe o vosso coração. Credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fosse, como teria dito Eu que vos vou preparar lugar? E quando eu tiver ido e vos tiver preparado lugar, virei novamente, e hei-de levar-vos para junto de mim, a fim de que, onde Eu estou, vós estejais também. E, para onde Eu vou, vós sabeis o caminho. Disse-lhe Tomé: Senhor, não sabemos para onde vais, como podemos nós saber o caminho? Disse-lhe Jesus: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém pode ir até ao Pai senão por mim.

Para o Tema

Falamos do Céu, na nossa fé, antes de mais como morada de Deus: "Pai Nosso que estais nos Céus". Até usamos o plural para dizer que se trata de algo que à partida nos transcende completamente. Mais precisamente, podemos dizer que o Céu é Deus.

Para nós humanos que não somos Deus, dizemos que o Céu é a experiência de plena comunhão com Deus. Falamos como um lugar analogicamente, porque acreditemos que há algum tipo de "espaço" celeste e acreditamos que estaremos "diante de Deus" para o vermos "face a face", mas não podemos confundir isso com um qualquer lugar deste mundo ou de um outro planeta dentro deste universo criado. O Céu não é um lugar material deste mundo, nem é um lugar imaginado ou idealizado, é Deus e, por isso, é a mais real das realidades. Estar em Deus, contudo, é estar em comunhão com Ele, mas não é ficarmos "dissolvidos, ou deixarmos de ser nós mesmos distintos ontologicamente de Deus.

Quando toda a nossa vida estiver mesmo unida a Deus, sem nenhuma complicação (pecado, zanga, medo ou desconfiança etc.) a perturbar essa comunhão, estaremos no Céu, na casa do Pai (cf. Jo Jo 14, 1-3). Tal como acontece aos anjos, que acreditamos serem criaturas apenas espirituais e, por isso, não limitadas pelo

tempo e pelo espaço como nós que temos corpo e vivemos na história, e que estão em comunhão com Deus louvando em tudo e sempre a Deus, também aos homens é oferecido estar no Céu e louvar a Deus.

A felicidade plena

Para quem vive neste mundo, o Céu surge como a meta! Quer dizer que entendemos o Céu como a realização mais perfeita da nossa humanidade. Onde seremos nós em toda a nossa verdade, precisamente porque estaremos em comunhão total com Deus. O Céu, por isso, é felicidade plena, não entendida como "momentos de prazer ou de alegria", mas como plena realização da nossa humanidade. Ora, a nossa vida realiza-se quando, como diz São Paulo, Deus for tudo em nós (Cf. I Cor 15, 28), ou seja, quando o nosso desejo de infinito, de perfeição, de Verdade, de Beleza, for saciado. Fomos criados com este coração desejoso de infinito que só Deus pode saciar, pelo que podemos dizer que só no Céu podemos realizar totalmente a nossa humanidade.

Não quer dizer que temos de esperar pela morte para começar a viver em comunhão com Deus e, por isso, a experimentar já a verdadeira felicidade. Podemos, com efeito, em tudo o que fazemos em comunhão com Cristo, experimentar algo do Céu, algo verdadeiro e concreto, ainda que não completo.

Os santos na terra são, não apenas os que cumprem as normas morais todas ou que são muito bonzinhos, mas os que vivem no seu quotidiano a comunhão com Deus, esses, por isso, tornam Deus presente, antes de mais nas suas vidas, embora também ajudem a que essa presença seja sentida e reconhecida na vida dos que estão com eles.

Como alcançar a felicidade plena?

O caminho que nos leva ao Céu veio ter connosco. Os cristãos sabem e experimentam que o Céu veio ter e permanece connosco. Jesus, que está sempre em comunhão com o Pai, traz-nos à terra o Céu e nos ensina o caminho. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14, 6). O Caminho, como Ele o diz, que nos leva à mora-

da do Pai. O que hoje sabemos do Céu, que também poderia ser chamado paraíso, ou Reino de Deus, é o que Jesus nos revelou. Ele, o Filho eterno do Pai, Ele que, com o Pai e o Espírito Santo, são um só Deus, veio "do Céu" e fez-Se homem para nos tornar participantes da Sua vida e nos levar para o Céu fazendo de nós filhos de Deus! Ele é o primeiro a ressuscitar glorioso e a "subir" para o Céu.

A Sua humanidade, unida à nossa humanidade para sempre desde a encarnação, entra na plena comunhão com Deus, em corpo e alma. E com Ele, associado a Ele, está Nossa Senhora que também já está na plena comunhão com Deus em Corpo e alma. A festa da Ascensão de Jesus ao Céu é esta festa em que recordamos que as "portas do Céu" estão abertas para que entrem todos os que estiverem unidos a Cristo.

Nós, como podemos conhecer e percorrer esse caminho? "Aquele que crê em Mim terá a vida eterna!" diz Jesus em diversos momentos (por exemplo: Jo 3,16), ou seja, aquele que escutar e puser em prática a Palavra do Pai que está nos Céus (cf. Mt 7, 21), aquele que seguir Jesus e amar os outros como Jesus nos amou (Jo 13, 34), aquele que permanecer em Deus (Jo 15, 4), esse tem já a vida que, no Céu, será plena, mas já é real aqui. A vida dos santos na terra, já é a vida eterna. Na teologia católica, costumamos dizer que os cristãos, pela fé, já estão em comunhão com Deus e já experimentam algo do Céu, mas ainda não gozam plenamente a meta, ou seja, o Céu.

A felicidade na Terra e comunhão com Deus

A meta vem ter connosco para nos conduzir até à plenitude. Para nós, o Céu, por isso, não é um desconhecido. É Jesus. Quanto mais o conhecemos, mais o amamos e mais profundamente estaremos em comunhão com Ele e, em Jesus, com o Pai e o Espírito Santo. Há quem diga, e justamente, que a Missa, que é na terra o lugar onde se pode estar mais perto da comunhão com Deus, é, de algum modo, o Céu na Terra. Mas também por isso, a missão que decorre da Missa, a caridade, é o modo que temos de experimentar o Céu no quotidiano. Quem dá a sua vida amando os outros experimenta já a verdadeira vida em abundância que Jesus

nos dá (cf. Jo 10,10). Convém não esquecer o que Jesus disse: "O que fizerdes a um dos mais pequeninos a Mim o fizeste" (Mt 25, 40), que é outro modo de dizer, quando deres a vossa vida aos outros, quando perdoardes, quando ajudardes os outros, quando sairdes de vós, estareis comigo precisamente aí!

No Céu, serão vencidas todas as dores e todos os sofrimentos, mas estes na terra, ao contrário do que muitos pensam, não nos tiram a experiência do Céu. Porque, quando vividos em comunhão com Cristo na Cruz, os sofrimentos fazem-nos experimentar um amor que é próprio do Céu. O que não há no Céu são egoísmos, materialismos, hedonismos e outras coisas deste tipo. Quem quer imaginar um Céu à sua medida acaba por se afastar do verdadeiro Céu, ou seja, de Deus e, por isso, mais do que imaginar um lugar cheio de prazeres mundanos, devemos apostar em estar já em comunhão com Deus.

É preciso amar a Deus

Devemos, por isso, evitar aquilo a que podemos chamar de "secularização do Céu", que acontece quando o imaginamos como se o Céu fosse centrado em nós. O Céu será felicidade em Deus e nunca pode ser reduzido a um conjunto de "dons de Deus" que prescinda de Deus. Como se pudéssemos receber uma data de presentes de Deus e já não nos interessasse Quem no-los dá. O Céu é mesmo Deus. Só quem ama a Deus quer estar com Deus! Quer o Céu e experimentará a plenitude depois da morte. Mas também, por isso, o Céu não será uma pasmaceira! Acreditamos que será "descanso", "repouso" em Deus, mas esse descanso é partilhar o amor de Deus por toda a humanidade que ainda está na terra e, por isso, os santos no Céu intercedem por nós, cuidam de nós, como disse Santa Teresinha do Menino Jesus no dia 17 de Julho de 1897, poucas semanas antes de morrer: "Sinto que vou entrar no repouso... Mas sinto sobretudo que a minha missão vai começar, a missão de fazer amar a Deus como eu O amo, de dar às almas o meu pequeno caminho. Se Deus realizar os meus desejos, o meu Céu passar-se-á sobre a terra até ao fim do mundo. Sim, quero passar o meu Céu a fazer o bem sobre a terra."

Da morte à ressurreição final

Se a morte é para cada um o momento em que ele percebe se o Céu, ou seja Deus, é o seu destino, e se os santos canonizados sabemos que estão de certeza já na comunhão com Deus (haverá muitos outros, mas a Igreja assegura que os canonizados estão mesmo já na plena comunhão com Deus), então, acreditamos que também há uma espécie de tempo, entre a morte que separa a alma do corpo, e a ressurreição final, quando também os santos terão, como Jesus, um corpo glorioso, totalmente "espiritualizado", ou seja, em harmonia com o espírito.

Distinguimos, por isso, a morte do momento final da história. Então haverá, como diz São João no Apocalipse, a ressurreição dos nossos corpos. Até lá a alma dos santos que morreram "espera" em Deus essa plenitude de vida. São João escreve: «Vi, depois, um novo Céu e uma nova Terra, porque o primeiro Céu e a primeira Terra haviam desaparecido, e o mar já não existia. E vi a cidade santa, a nova Jerusalém que descia do Céu, de junto de Deus, bela como uma esposa que se ataviou para o seu esposo» (Apo 21, 1-2).

Quero ser Santo! – Todos os Santos

O livro do Apocalipse mostra-nos, diante do trono de Deus, "uma multidão imensa, que ninguém podia contar, de toda a nação, tribo, povo e língua" (Ap 7, 9). É esta multidão, e não apenas os santos que a Igreja canonizou que chamamos de Santos.

Por isso, ser santo não é um destino reservado a alguns poucos escolhidos, é a vocação de todos, é viver as pequenas fidelidades de cada dia já em comunhão com Cristo, deixando que Ele vá, desde já, fazendo de nós o que seremos para sempre.

Talvez conheçamos, sem lhes chamar assim, alguns destes santos por canonizar: alguém que amamos e que, sem grandes palavras, nos aproximou de Deus só pela forma como viveu.

O Santo é aquele que vive de olhos postos no céu. Quero ser, também eu, parte dessa multidão que ninguém pode contar.

Para Discutir

- Quero e procuro viver de maneira a chegar ao Céu? De que maneira é que este modo radical de seguir Jesus se reflete na minha vida?
- Olho para a santidade como uma meta distante e apenas para alguns ou reconheço que Jesus me criou para uma vida de verdadeira comunhão com Ele?
- Vejo as dificuldades e provações da minha vida como obstáculos à minha felicidade ou como parte do caminho que me ensina a amar a Deus e a viver, desde já, o Céu na Terra?
- Em que alturas da minha vida já sinto verdadeiramente a experiência do "Céu na Terra"?

Para o Ponto de Esforço

Durante este mês, escolhe um momento concreto do teu dia a dia (uma coisa que te custe) e oferece-o conscientemente a Jesus de forma a viveres, desde já, o Céu na terra.

Para rezar

Senhor Jesus,
em oração uma vez Vos pedi e pedirei sempre
que faça eu a Vossa amorosa vontade
todos os dias da minha miserável e frágil vida.
Nas Vossas mãos, bom Deus,
entrego o meu espírito, o meu coração, a minha memória,
o meu entendimento e toda a minha vontade.
Concedei, porém, que com tudo Vos sirva,
Vos ame, Vos agrade e sempre Vos louve.

Ámen.

São Francisco de Sales

Para aprofundar

- Catecismo da Igreja Católica 1023-1029
- Catequeses de São João Paulo II sobre o Céu (21 de Julho 1999)
- Catequese de Francisco sobre o Céu (17 de Agosto 2011)
- Comissão Teológica Internacional. "Problemas actuais de cristologia", 1990.

MAGNIFICAT

A minha alma glorifica o Senhor
E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua Serva:
De hoje em diante me chamarão bem-aveturada todasas gerações.
O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é o seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em geração, Sobre aqueles que o temem.
Manifestou o poder do seu braço E dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos
E exaltou os humildes. Aos famintos encheu de bens, E aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo, Lembrado da sua misericórdia,
Como tinha prometido a nossos pais,
A Abraão e à sua descendência para sempre.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,
Como era no princípio, agora e sempre.
Amen.

5 anos